

Marcos Mergarejo Netto

CULTURA E ESPAÇO EM CATAGUASES

Monografia apresentada à disciplina Geografia
Aplicada A do Curso de Geografia
Área de Concentração: Geografia Humana e Social
Orientador: Professor Alexandre Diniz
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte

Instituto de Geociências da UFMG

2002

CULTURA E ESPAÇO EM CATAGUASES

MARCOS MERGAREJO NETTO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram direta e/ou indiretamente na pesquisa. Especialmente agradeço...

Ao professor Alexandre Magno A. Diniz, por acreditar em meu trabalho como orientador e sobretudo pela amizade que construímos.

Aos amigos e conhecidos cataguasenses, que prestimosamente dispensaram parte de seu tempo para as entrevistas necessárias e fundamentais ao desenvolvimento e consecução da pesquisa: Gláucia Siqueira, Hugo Sodré Lanna, Joaquim Branco Ribeiro Filho, Nanzita L. Salgado A. Gomes e Tarcísio H. P. Henriques.

Aos funcionários do Departamento de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Cataguases, pelo atendimento sempre eficiente.

A Maria Bárbara, companheira de sempre, pelo apoio.

SUMÁRIO

CAPÍTULO	DENOMINAÇÃO	PÁGINA
-	LISTA DE FIGURAS	05
1	INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	08
2	ASPECTOS CONCEITUAIS E TEÓRICOS	11
3	METODOLOGIA E OPERACIONALIZAÇÃO	27
4	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE	30
4.1.	LOCALIZAÇÃO E POSIÇÃO GEOGRÁFICA	30
4.2.	ORIGEM E HISTÓRIA	31
4.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS	36
4.4	ANÁLISE DOS ASPECTOS GEOGRÁFICOS	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
-	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
-	ANEXOS	81

LISTA DE FIGURAS

NÚMERO	TÍTULO	PÁGINA
Figura 01	Mapa de localização de Cataguases	30
Figura 02	Paisagem da região à época da fundação de Cataguases – Desenho de Percy Lau (Fonte: FIBGE)	31
Figura 03	Esboço urbano de Cataguases/1878 (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural - 1)	32
Figura 04	Colheita de café – Desenho de Percy Lau (Fonte: FIBGE)	33
Figura 05	Estação Ferroviária da EF Leopoldina (Fonte: Arquivo Público Municipal)	34
Figura 06	Escultura de Bruno Giorgi “A Família” de 1956 (Foto do Autor)	36
Figura 07	Escultura “A Mulher” de Jan Zach (Fonte: CD Zona da Mata)	37
Figura 08	Vista Aérea na Década de 40, Praça Santa Rita (Fonte: CD Zona da Mata)	38
Figura 09	Cia. Fiação e Tecelagem Cataguases, em 1905 (Fonte: CD Zona da Mata)	39
Figura 10	Operárias trabalhando na indústria de tecidos (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural - 1)	40
Figura 11	Usina Maurício (Energia Hidroelétrica), de 1908 (Fonte: CD Zona da Mata)	40
Figura 12	Praça Santa Rita (Foto do Autor)	41
Figura 13	Praça Rui Barbosa (Foto do Autor)	42
Figura 14	Parcial do Colégio Cataguases (Foto do Autor)	43
Figura 15	Escultura de Jan Zach - Jardins do Colégio Cataguases (Foto do Autor)	43
Figura 16	Parcial do Colégio Cataguases, com escultura de Jan Zach (Foto do Autor)	44
Figura 17	Parcial do Colégio Cataguases, em meio à vegetação (Foto do Autor)	45
Figura 18	Detalhe da fachada da Matriz de Santa Rita de Cássia (Foto do Autor)	46
Figura 19	Painel de Portinari – Salão Nobre do Colégio Cataguases (Fonte: CD Zona da Mata)	47
Figura 20	Bairro operário (Bairro Jardim) construído na década de 40 (Foto do Autor)	48

Figura 21	Fachada do prédio da Prefeitura Municipal, remanescente da fase pré-modernista (Foto do Autor)	49
Figura 22	Casa de Francisco Inácio Peixoto – Oscar Niemeyer/1943 (Foto do Autor)	50
Figura 23	Fachada da Cia. Fiação e Tecelagem Cataguases/1905, atualmente Centro Cultural Chica Peixoto (Foto do Autor)	51
Figura 24	Fachada da Cia. Industrial Cataguases/Década de 30 (Foto do Autor)	52
Figura 25	Fachada do Teatro Recreio, demolido em 1947 (Fonte: Arquivo Público Municipal)	53
Figura 26	Parcial da Praça da Estação (atual Praça Governador Valadares), à direita a Estação Ferroviária, à esquerda e centro os antigos armazéns e hotéis (Foto do Autor)	53
Figura 27	Fachada do Banco do Brasil, década de 30 (Fonte: CD Zona da Mata)	54
Figura 28	Antiga Rua da Estação ou Rua do Comércio (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural – 1)	55
Figura 29	Rua Cel. João Duarte, antiga Rua da Estação (Fonte: Arquivo Público Municipal)	56
Figura 30	Parcial da Praça da Estação, com a Estação em primeiro plano e o Hotel Villas em plano subsequente (Foto do Autor)	56
Figura 31	Parcial aérea de Cataguases na década de 30 (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural –1)	58
Figura 32	Detalhe da Avenida Astolfo Dutra, com o Córrego Lava-Pés, ladeado pela linha férrea (Foto do Autor)	59
Figura 33	Quadro da Evolução da População de Cataguases	61
Figura 34	Fachada da Casa da Chácara Dona Catarina, recuperada na década de 90 (Foto do Autor)	62
Figura 35	Detalhe de monumento às fiandeiras, de Portinari (Foto do Autor)	63
Figura 36	Parcial do início da ocupação da margem sul do Rio Pomba, com o estabelecimento da segunda indústria de tecidos e à extrema direita, o aproveitamento da encosta para construção do bairro operário (Imagem de arquivo)	64
Figura 37	Ao fundo, detalhe da primeira indústria de tecidos (Foto do Autor)	65
Figura 38	Ao fundo, detalhe da segunda indústria de tecidos (Foto do Autor)	66

Figura 39	Parcial da Vila Peixoto, primeira vila operária, construída nos fundos da primeira fábrica de tecidos (foto do Autor)	66
Figura 40	Parcial da Vila Peixoto, primeira vila operária; ao fundo casarão da década de 20 do século XX (Foto do Autor)	67
Figura 41	Casario categorizado do Bairro Jardim, segundo bairro operário construído junto à Companhia Industrial Cataguases (Foto do Autor)	68
Figura 42	Parcial da primeira indústria de tecidos, com casario categorizado ao fundo (Foto do Autor)	69
Figura 43	Fachada parcial do Colégio N. S. do Carmo, construído em 1913, na Praça Santa Rita (Foto do Autor)	71
Figura 44	Detalhe de painel Fiandeira de Portinari (Foto do Autor)	72
Figura 45	Fachada parcial do Colégio Cataguases, obra de Niemeyer, considerado o marco da transformação de Cataguases, com detalhe da escultura "O Pensador" de Jan Zach (Foto do Autor)	73
Figura 46	Prédio da antiga casa de máquinas de tratamento de água "Caixa D'Água", transformada recentemente no centro cultural "Centro de Tradições Mineiras" (Foto do Autor)	74
Figura 47	Casa da Chácara Dona Catarina, moradia do grande capitalista da época cafeeira e investidor na industrialização, Cel. João Duarte, recentemente transformada em centro cultural e museu (Foto do Autor)	75
Figura 48	Fachada do complexo cultural do atual museu da hidroeletricidade (Foto do Autor)	75
Figura 49	Fachada da antiga Indústria Irmãos Peixoto, primeira indústria de tecidos da cidade, atualmente o complexo cultural, Instituto Cultural Chica Peixoto (Foto do Autor)	76
Figura 50	Mapa Funcional de Cataguases – 1958 (Fonte: Cardoso, 1959)	81
Figura 51	Mapa Histórico de Cataguases – 1920 (Fonte: CD Zona da Mata)	82

Capítulo 1: INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

O presente trabalho busca conhecer, discutir e entender o processo que permitiu a construção e valorização do espaço urbano de Cataguases/MG, tendo como pano de fundo um processo cultural que projetou a cidade no cenário nacional.

Trata a presente pesquisa de investigar como aquele movimento cultural iniciado na década de 20 em Cataguases, considerando-se o período concernente às décadas de 20, 30 e 40 do século passado, pode influenciar a ocupação do espaço, ou mais do que isso, a produção de espaço e conseqüentemente seu reflexo no urbanismo e arquitetura da cidade, somado às artes plásticas expostas.

A cidade de Cataguases guarda em sua paisagem marcas indeléveis de um significativo patrimônio cultural literário, artístico e arquitetônico, destacando-se assim de outras cidades brasileiras do mesmo porte. Entendemos que tal legado está assentado naquele movimento, estabelecendo e desenvolvendo assim uma “vocação” para a modernidade.

Inquieta-nos conhecer tal processo ocorrido na cidade, buscando respostas e investigando o processo de construção e valorização do espaço urbano. Neste sentido limitar-se-á a investigação ao período citado, não sem eventualmente buscarmos subsídios noutros períodos. Essa referência cronológica será fator fundamental para a compreensão do processo, porquanto, proporciona a perfeita articulação da ação transformadora que se inscreve no espaço.

Historicamente, Cataguases se inscreveu na década de 20 do século XX, como marco dessa construção. Devemos de fato considerá-la significativa à construção do processo de ocupação, construção e valorização de seu espaço urbano? Quais foram os fatores fundamentais que apontaram para tal?

Tratando-se de ser um movimento duradouro e que tenha oferecido motivações para as décadas seguintes, quais foram as transformações ocorridas que as tornariam notáveis? Os instrumentos utilizados continuavam

os mesmos, bem como seus agentes; ou novos agentes e motivações influenciavam outras transformações?

As modificações ocorridas nesse período na cidade, por certo que se efetivaram repercutindo na sociedade e na economia; questiona-se então até que ponto a lavoura cafeeira, a industrialização e naturalmente o movimento modernista tiveram influência nas marcas que a cidade inscreveu em seu espaço, participando efetivamente do processo de ocupação e valorização do meio urbano.

Esse período foi marcado por alguns fatos significativos na história: na década de 20 temos a Semana da Arte Moderna, na de 30 o Estado Novo e na de 40 a Segunda Grande Guerra. São, portanto, marcos que inegavelmente pontificarão características ao processo em questão.

Ressaltar sobre sua planta urbana ou seu patrimônio literário, artístico ou arquitetônico poderia explicar e justificar nosso interesse pelo presente trabalho, mas nos chama a atenção justamente o fato de seu efervescente passado cultural, destacando-se dos demais municípios do mesmo porte.

Entendemos ser relevante tal estudo, pelo fato de que Cataguases como centro regional, sendo conhecida sua inserção no meio cultural brasileiro, por ações pretéritas, torna-se também significativa a ações que a notabilizem no cenário atual, revalorizando o espaço ora em discussão.

Neste trabalho nosso objetivo geral será compreender o processo de construção e valorização do espaço urbano de Cataguases e, para tanto norteamos a fundamentação teórica de nossa pesquisa a partir da obra de CORRÊA (2001) e MORAES (1999).

O plano desta pesquisa poderá servir não só como diagnóstico de uma fase, mas um subsídio, um degrau para posteriores estudos, que possam vir a trazer um pouco mais de luz sobre o espaço urbano de Cataguases, seja em função de sua sociedade ou de sua economia.

Para tanto, a estrutura deste trabalho contemplará não só a demarcação de seus objetivos gerais e específicos, bem como seu fio condutor e justificativa. Uma revisão contextual teórica será inscrita, tratando do eixo de sustentação à análise do assunto tratado, fundamental à consecução da pesquisa; bem como, será mister a descrição metodológica,

com a forma de condução da pesquisa, sua organização e análise, necessário ao entendimento do processo de construção do trabalho.

Finalmente, a partir do resgate bibliográfico e principalmente pelas entrevistas realizadas, será possível elaborar a análise sobre o que foi proposto, buscando na revisão teórica o respaldo necessário para as devidas formulações e consecuições de texto, quando então será dissertado a respeito dos resultados da pesquisa, comprovando ou não a hipótese em julgamento.

Capítulo 2: ASPECTOS CONCEITUAIS E TEÓRICOS

A dinâmica cultural é extremamente diversa, desde sua origem, à sua difusão e evolução no tempo e no espaço; ela é, sem dúvida, resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza. Proporciona um conjunto de formas materiais, dispostas e articuladas no espaço, com padrões e variedades de estilos e cores, compreensível no tempo, dependendo da própria cultura que a originou.

Segundo CORRÊA (2001), a paisagem cultural é uma vitrine permanente de todo o saber, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica. Conseqüentemente, por ser um produto da apropriação e transformação da natureza, cabe ao geógrafo, a decodificação e leitura desse significado. Por sua vez, o espaço também é um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões, onde o simbolismo ganha materialidade.

CORRÊA (2001) evidencia a riqueza de abordagens com que o espaço pode ser considerado, aparecendo fragmentado num primeiro momento, entretanto, a justaposição de diferentes paisagens e usos da terra constituirá um mosaico que poderá variar mas será inevitável, sendo uma de suas principais características.

Essa fragmentação não se realiza de modo perene, os processos espaciais irão inferir na paisagem tornando-a refeita, apesar da inércia que o homem poderá provocar. Tal situação derivará conseqüentemente da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades de mutação e reprodução das relações sociais e dos conflitos de classes. As mudanças serão geradas a partir de novos padrões de fragmentação do espaço urbano que emergem, desfazendo total ou parcialmente os antigos e criando novos padrões no que diz respeito à forma e conteúdo.

CORRÊA (2001) ressalta, entretanto, que o espaço não é apenas fragmentado, mas também articulado e através desse movimento ganha unidade, originando um conjunto, cujo foco tem sido o núcleo central da cidade, que entre outras funções, realiza as de gestão das atividades;

frisando entretanto, que essas relações espaciais são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos, assim, constatando-se ser o espaço urbano simultaneamente fragmentado e articulado. Introduz-se então o terceiro momento de apreensão do espaço urbano: o de ser um reflexo da sociedade, provocando desigualdades, que se traduz em ambientes desiguais.

Segundo CORRÊA (2001: 148):

“É conveniente lembrar, contudo, que o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente, como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais presentes. Nesse sentido o espaço urbano pode ser o reflexo de uma seqüência de formas espaciais que coexistem lado a lado, cada uma sendo originária de um dado momento.”

Tratando-se então que os reflexos na paisagem são provocados pelas sociedades, buscamos em MORAES (1999), trata em sua obra sobre as sociedades humanas, e como as mesmas, para reproduzirem as condições de sua existência, estabelecem relações vitais com seu espaço. Para tanto explica essa evolução histórica que nos ajuda a compreender o processo de valorização do espaço, seus impactos e reflexos na sociedade, na economia e também no meio cultural, oportunamente cita o geógrafo Milton Santos que ensina: *“produzir é produzir espaço.”*

A sociedade como força produtiva, aliada aos meios por ela mesma criados, é o agente da transformação; seja travestida de arquitetos ou poetas, operários ou comerciantes, não deixam de participar efetivamente do processo, seja ele perene ou transitório, dentro da relação espaço-sociedade.

HARVEY (apud CORRÊA (2001)), considera a cidade como a expressão concreta de processos sociais na forma de um ambiente físico construído sobre o espaço geográfico. Vista pelo homem, a cidade é a forma de organização do espaço e o reflexo das características da sociedade, com o mérito, portanto, da universalidade, pois tal questão aplica-se em qualquer tempo e em qualquer espaço, quer pela economia, pela religião ou

qualquer outra força que lhe sirva de vetor. Tais processos sociais produzem forma, movimento e conteúdo sobre o espaço urbano, originando-lhe a organização citadina, e, possuindo características pelo uso da terra extremamente diferenciados, pelas interações próprias da sociedade, como o fluxo de capital, migrações e outros deslocamentos.

Entre os processos sociais e a organização espacial, existe um elemento mediador que são os processos espaciais, responsáveis imediatos que viabilizam forças que atuam ao longo do tempo, permitindo localizações, realocações e permanência das atividades e população sobre o espaço urbano. Naturalmente que tais processos são postos em ação pelos atores que dão forma à organização do espaço; sejam eles os proprietários dos meios de produção, proprietários de terras, associados ou não ao Estado. Cada um com sua estratégia gerando conflitos em maior ou menor grau, normalmente mediados pelo Estado.

BARRIOS (1996: 19) ensina que o espaço constituído é, ao mesmo tempo um fato físico e um fato social, em seus atributos de propriedade, valor e símbolo, provendo de significado, o produto global, assim registra:

“O espaço socialmente construído compreende o conjunto de elementos materiais transformados pelas práticas econômicas, apropriados pelas práticas políticas e constituídos em significações pelas práticas cultural-ideológicas. (...) Como produto global da dinâmica social, o espaço modificado aparece como nível de condensação e como síntese de múltiplas determinações.”

Entretanto SANTOS (1979), ressalta sobre a minimização que a Geografia faz do papel do espaço em relação à sociedade. Com análises, de um modo geral, desligadas da realidade social como um todo, registra seu interesse mais pela forma, do que pela sua formação, relatando assim:

“Seu domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de apreender a realidade se não se faz intervir a História. Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a

história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.” (págs. 9 e 10)

Ainda, segundo SANTOS (1979), o modo de produção, a formação social e o espaço, são interdependentes, pois juntos formam o modo de produção, como produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo; histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social.

Os lugares não são iguais, portanto, suas diferenças são o resultado do arranjo espacial e dos modos de produção, sendo que o “valor” de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos daqueles modos de produção e da maneira como eles se combinam. SANTOS (1979: 15) ensina: “Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço.”

CORRÊA (2001) distingue a constituição de tais processos na forma como ocorrem nas cidades, em termos de organização e reorganização do espaço. A centralização, que resulta por si só de um produto da economia de mercado levado a cabo pelo capitalismo, é verificado no Brasil, com o advento das ferrovias, a partir da segunda metade do século XIX, quando procuravam localizar os terminais de maneira que garantiriam as minimizações de deseconomias de transbordo. Próximas a estes terminais, irão prosperar todas aquelas atividades voltadas para o mundo exterior, comércio atacadista e depósitos, indústrias nascentes e em expansão e serviços auxiliares, passando a desfrutar assim, da máxima acessibilidade em lucro, suportando pagar o alto valor da terra.

Por outro lado, a descentralização, historicamente mais recente, aparece como medida espontânea ou planejada, visando desafogar a centralização causadora de aglomerações e todas suas implicações, como o alto valor da terra, impostos e aluguéis, tornando impraticáveis determinadas locações; o congestionamento de trânsito e do transporte

propriamente dito, onerando as transações, a dificuldade de expansão, restrições legais e controle do espaço e ausência ou perda de amenidades afetando as atividades e a população, além da concentração de poluentes. Este processo associa-se também ao crescimento da cidade, da população e das atividades econômicas, promovendo um rearranjo espacial das áreas centrais, passando a envolver a periferia. CORRÊA (2001) explica que, em função da descentralização, alguns dos locais periféricos ao centro tornam-se réplicas em menor escala da área central, enquanto outros passam a adotar segmentos espaciais, num processo extremamente complexo, caracterizando-se por uma seletividade de atividades, funções e tempo, no sentido de que em tal existe uma seqüência.

Passando a tratar da questão residencial, irá se referir ao processo de segregação, caracterizando-o principalmente pela forte homogeneidade social interna, ao mesmo tempo de forte disparidade social entre elas; marcadas pela uniformidade da população em termos de renda, status ocupacional, instrução, etnia, fase do ciclo de vida e migração.

As áreas uniformes refletem de um lado, a distribuição da renda da população, e de outro, o tipo de residência e a localização da mesma em termos de acessibilidade e amenidades, gerando em termos de grupos, uma fragmentação da classe capitalista e proletária, classes distintas de consumo e emergência de uma classe média que não é de todo homogênea, significando finalmente, uma diferenciação residencial e acesso diferenciado aos recursos.

Além desses, o processo espacial da inércia, que interfere na organização espacial da cidade na medida em que certos usos da terra permanecem em certos locais, apesar das causas que justificaram a sua localização terem cessado de atuar. Neste caso, FIREY (apud CORRÊA (2001)) denomina de simbolismo e sentimento, ou seja, a existência de valores que levam a permanência de localização e usos da terra que não mais obedecem a uma racionalidade econômica. A institucionalização da inércia, quando se verifica o “tombamento” de áreas ou bairros, constitui um caso em extremo. A inércia também se aplica em alguns casos do uso da

terra que revelam dificuldades de realocização, mas que a médio prazo pode gerar benefícios.

Contudo, algumas de tais ações costumam passar despercebidas, ressaltando ainda mais a minimização do papel do espaço na sociedade, que não é analisado em profundidade. SANTOS (1979) a respeito, registra dessa maneira:

“O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social.” (pág. 18)

Da mesma forma, BARRIOS (1996) explicita dessa maneira a relação entre espaço e sociedade:

“Na relação espaço / sociedade, o primeiro cumpre, como elemento físico, duas funções básicas: a de objeto da atividade humana (recursos naturais) e a de suporte dessa mesma atividade (meio ambiente). Entretanto, é importante diferenciar as formas espaciais, como objetos inertes pertencentes ao mundos das coisas, do homem, sujeito da história.” (p. 2)

Dessa forma, o geógrafo analisa o processo de produção, porquanto o ato de produzir é produzir também o espaço. Assim como ROSSINI (1986) ensina, enquanto processo social e histórico, produtor do espaço geográfico, o que se dá na superestrutura, política, ideológica, jurídica e religiosa, da formação econômica da sociedade, à qual o modo de produção pertence.

Assim, determinado historicamente o processo de produção do espaço, terá sua produção determinada pela formação econômica daquele espaço, ou seja, o processo de produção da existência será diverso, há que se refletir do ponto de vista do sujeito, que é o agente do processo. Em qualquer época, em qualquer lugar a sociedade valoriza o

espaço e o modo de produção entra como mediação particularizadora; cada modo de produção tem seu modo particular de valorização.

Segundo BARRIOS (1996), as formações sociais, em sua evolução, passam de uma situação de simples ocupação e aproveitamento do espaço, para uma situação de transformação cada vez mais ampla e profunda desse espaço, compreendendo não só a produção de bens materiais, mas a adequação ao meio ambiente circundante às necessidades individuais e coletivas.

MORAES (1999) aponta que qualquer processo social explica-se no âmbito da discussão sobre valor e trabalho e suas categorias fundamentais. O processo de valorização tem aí seu nódulo explicativo: a relação sociedade / espaço é a relação do valor espaço substantivada pelo trabalho humano, portanto a apropriação, construção, perenização e as modificações no espaço, representam criação de valor.

Para ROSSINI (1986:101), o espaço constitui uma produção humana, sendo o seu processo de criação e transformação determinado pelo modo como os homens produzem sua existência, isto é, pelo modo de produção vigente.

Tal processo de produção, no entanto, limita o acesso ao consumo, incluindo aí o consumo do próprio espaço, o direito à habitação, aos bens de consumo, aos gêneros de primeira necessidade, enfim o direito à cidadania e tudo o que a sociedade produz, tornando-o desigual.

Enquanto o processo de produção é coletivo, o de consumo é privado. A apropriação privada e desigual do espaço geográfico, produzido pelo trabalho da sociedade, pode ser percebido no espaço urbano. O processo de apropriação do espaço será, portanto, estabelecido pela posição que o indivíduo ocupa na sociedade. De uma maneira ou de outra, desigual e diferenciadamente, cada indivíduo ou parcela da população apropria-se de um espaço socialmente produzido.

Manifestando-se a respeito das desigualdades do espaço urbano capitalista, CORRÊA (2001), ressalta que constitui-se característica própria deste, o acesso desigual aos recursos básicos da vida e, de outro, as diferenças locacionais das diversas atividades que se realizam na cidade,

refletindo nos demais processos que conjugam a construção do espaço. Assim como MORAES (1999), ROSSINI (1986), concorda e acrescenta: *“Urbanização e acumulação são processos decorrentes da evolução cada vez mais ampliada do processo produtivo.”* (p. 104)

Portanto, o espaço é resultado desse movimento, que se desfaz e renova continuamente, simultaneamente com a sociedade. Imediatamente nem todos os lugares do espaço são atingidos, quando destes movimentos sociais, ao menos diretamente. Entretanto, na realidade, todos o são porque o fato de que um ponto do espaço conheça uma nova definição, através do impacto de variáveis novas, mudam as hierarquias e impõe-se uma nova ordem espacial que concerne ou não, à totalidade dos lugares. Os movimentos sociais dão condições de reação aos lugares, desse modo obrigam-nos a modificar-se, conduzindo a modificações mais ou menos grandes, rápidas ou imediatas, da totalidade dos lugares.

SANTOS (1979), ensina:

“Quando uma atividade nova se cria em um lugar, ou quando uma atividade já existente aí se estabelece, o “valor” desse lugar muda; e assim o “valor” de todos os lugares também muda, pois o lugar atingido fica em condições de exercer uma função que outros não dispõem e ganha, através desse fato, uma exclusividade que é sinônimo de dominação; ou, modificando a sua própria maneira de exercer uma atividade preexistente, cria, no conjunto das localidades que também a exercem, um desequilíbrio quantitativo e qualitativo que leva a uma nova hierarquia ou, em todo caso, a uma nova significação para cada um e para todos os lugares.” (pág. 45)

Acontece então com o espaço que se vê completamente modificado, quando um corredor de residências lhe é subtraído e um mercado ocupa o mesmo espaço, processam-se desequilíbrios e evoluções, mudança de significado e valor.

SANTOS (1979), resume:

“O espaço é uma realidade objetiva, um produto social e um subsistema da sociedade global, uma instância.” (...) “A urbanização é nada mais que um resultado de tais processos (...) das forças produtivas e das instâncias sociais.” (págs. 51 e 52)

O espaço é condição geral da produção e possui valor intrínseco, uma riqueza natural, não necessariamente produto do trabalho humano. Daí o espaço ser considerado o receptáculo fundamental e geral do chamado "trabalho morto" através de seu desenvolvimento histórico numa progressiva e desigual acumulação de trabalho.

A acumulação por sua vez gera uma complexização, tendo em vista as desigualdades espaciais, mais as desigualdades do trabalho, o que por sua vez determinará o valor do espaço que também se expressa na qualidade, quantidade e variedade dos recursos naturais disponíveis, uma preocupação clássica da Geografia.

Daí a expressão de ESTRADA (1986):

“Dessa forma, a questão da Geografia, enquanto ciência que se centra no estudo do espaço se vê imersa numa gama de questões que compõem a totalidade concreta da qual esses fatos são fenômenos que exigem uma investigação para além deles.” (p. 73)

Conclui que se existe uma indagação, cuja resposta exige um avanço no exercício teórico: não devemos nos deter apenas na constatação dos fenômenos, nem estabelecer as suas relações mais visíveis, mas procurar escavar todos os fatos que lhes são determinantes.

SANTOS (apud MORAES 1999) ensina sobre os modos de produção, que criam formas espaciais e duram mais que os processos que as engendraram, chamando-as de "rugosidades" e aponta sua "inércia dinâmica", sobre os processos sociais posteriores, considerando as construções antigas como qualidades do lugar, assim como explicitou Corrêa. Santos preocupa-se ainda, com o resultado material (social) do processo (espaço construído) e sua ação sobre o movimento da totalidade

social, portanto as construções espaciais expressam os conteúdos das relações sociais que as engendraram.,

Segundo MORAES (1999):

“No capitalismo, por ex., a cristalização do trabalho morto em meios de produção aparece também como capital fixo ou fixação de capital ao espaço. Enquanto qualidade do lugar, esse trabalho morto aparece na composição orgânica do capital como uma parcela do capital constante. Nesse sentido, o próprio espaço físico necessário à produção é contabilizado como valor do espaço, valor previamente acumulado.” (p. 126)

É o valor do espaço que se manifesta em todas as formas de renda. Segundo HARVEY (apud MORAES 1999) chega a demonstrar até as suas manifestações ao nível da valorização intra-urbana do espaço. A renda absoluta aparece sob a forma de cobrança ao direito de utilização de parcela do espaço físico; considerando-se para tanto a localização privilegiada, ou não do espaço a ser locado. No caso urbano a localização conta ainda mais, ou seja, quanto melhor posicionado no espaço, maior será o valor agregado, o que incluirá o valor no espaço, chamado comercialmente de "lupa". Cobra-se acima de tudo, por qualquer forma de ocupação do espaço, seja para produção ou para a existência.

Nas situações expostas aparecem portanto, algumas formas de renda da valorização do espaço; sua renda repousa nas qualidades específicas de um dado lugar, sejam as naturais, aquelas agregadas pelo trabalho, ou pela simples utilização de uma parcela do espaço físico.

Retomemos ESTRADA (1986) quando registra que: *“As formas de ocupação do espaço vão sendo afetadas como resultado das novas modalidades de produção econômica que aí se desenvolvem. Isso produz uma aparente desorganização do espaço.”* (p. 71)

A espacialidade, não pertence à esfera deste ou daquele espaço concreto, é uma característica imanente de qualquer processo, seja ele social ou natural. Enquanto atributo estará contida em todo processo de criação de valor. Segundo MORAES (1999) a espacialidade é: *“um elemento*

de concreção, uma mediação necessária para a compreensão de uma manifestação histórica concreta." (p. 128)

MORAES (1999), assim expressa:

"Nesse nível mais geral, referimo-nos ao movimento global sobre o espaço, e espacialmente realizado, de pessoas, objetos, idéias, etc.. Não se trata, portanto, do espaço como recurso. Ele é, mais do que isso, um autêntico fator de circulação. (...) A troca é assim, uma revolução nas relações entre a sociedade com o espaço, nesse sentido específico. Antes mesmo do capitalismo e, mais especificamente neste, o custo de transporte agregar-se-á ao preço final do produto viabilizando ou não sua própria produção para troca." (p. 129)

Dessa forma, vê-se como a produção está ligada à intensificação de circulação, como se realiza e amplia a importância da espacialidade na definição do valor, relativiza-se a distância na multiplicação infinita das trocas em termos espaciais, considerando-se ainda no espaço mundializado de relações, a intensidade de fluxo, e não a localização absoluta.

Nesse sentido, ESTRADA (1986) não deixa de ressaltar a importância do sujeito como parte do processo em discussão:

"Se o espaço resulta da intervenção do homem e dos interesses que nele se acham em conflito, fica evidente que a função do geógrafo deve ultrapassar o nível de constatação e descrição desses fenômenos. Faz-se necessário mostrar que o espaço não é apenas um lugar que está sendo transformado, mas o lugar incorporado na forma e no processo de ocupação." (p. 72)

Ainda, segundo ESTRADA (1986:72), a questão teórica do espaço implica numa indissolubilidade com a maneira prática pela qual ele é produzido. Deixa de ser uma questão teórica, vira prática nos dois sentidos: num, enquanto o espaço não é uma idéia, independentemente das relações sociais e de produção que nele ocorrem, mas uma construção a partir da intervenção humana; num outro sentido, essa visão do espaço

como construção concreta permite uma orientação dialética na análise do objeto.

O valor no espaço é a própria espacialidade contida nos modos de produção, noutra nível, com a propriedade privada e a mercantilização das relações sociais o espaço torna-se moeda de troca, muitas vezes numa circulação abstrata (transação imobiliária) ou numa circulação a nível jurídico.

BARRIOS (1986:3), explica que o econômico ao nível específico da atividade social, apresenta-se também como aspecto particular das demais práticas sociais sempre que sua realização signifique, direta ou indiretamente o uso de meios materiais.

Contudo o espaço não se confunde com outros objetos vulgares da produção material imediata do resultado do trabalho; é imperativamente uma condição geral da produção e da existência humana, é matéria finita e possui qualidade de raridade relativa, é intrinsecamente desigual e seu uso não implica sua destruição, apenas modificações. O espaço apresenta, assim, a sobreposição dos resultados dos processos naturais e sociais que coexistem na contemporaneidade.

MARX (apud MORAES 1999) *"o que faz com que uma região da Terra seja um território de caça é o fato das tribos caçarem nelas; o que transforma o solo num prolongamento do corpo do indivíduo é a agricultura"* e esclarecem que isto significa que as características inerentes ao espaço não têm sentido em si, pois o que as vivifica é a própria sociedade.

O homem se depara com certas condições de realidade social e de espaço e, diante das condições gerais de produção e existência, define um ciclo permanente de apropriar para trabalhar e vice-versa, num movimento ininterrupto com a submissão ao seu processo de trabalho de todas as forças disponíveis; escraviza ou compra força de trabalho, domina as forças naturais, desenvolve forças produtivas e organiza processos de produção. Produz riqueza, pobreza, espaços periféricos, centrais, espaços inertes, transforma espaços e reproduz todo o ciclo.

BARRIOS (1986), acrescenta:

"Esse movimento compreende não apenas a produção de bens materiais como também a adequação do meio ambiente circundante às necessidades individuais, familiares, comunitárias e das formações sociais em seu conjunto. Em conseqüência, as formas espaciais adquirem diferentes escalas de configuração, como: 1. a dos objetos de consumo; 2. a dos fatos arquitetônicos; 3. a dos fatos urbanos e 4. a da organização territorial; cada uma das quais constituindo-se de próprio objeto de estudo."

Tem-se o valor do espaço, todo ele englobado como condição de produção e a espacialidade inerente à produção de qualquer bem, manifestar-se-á também em seu valor final. Por determinar a produtividade do trabalho, o valor do espaço articula-se com o valor no espaço. Mais uma vez os autores recolhem o ensinamento de Marx: "as velhas localizações condicionam as novas", assim, estabelece-se um nexos orgânico entre o valor contido e a criação de valor.

Os fundamentos da valorização do espaço repousam numa unidade contraditória, entre o valor do espaço e valor no espaço, numa lógica de seu movimento interno. Na sua forma mais elementar de relação da sociedade com o espaço acontece a apropriação simples e direta dos produtos da natureza, ou seja, a coleta, não pode ser considerada como uma valorização do espaço, a não ser que ocorra aí uma profissionalização e ação do trabalho sobre o espaço; não aquela, considerada tênue e transitória. Todavia o valor ao produto pode ser agregado não ao espaço, pois é apenas uma condição de existência do homem. Quando da perenização do homem a determinado espaço, parte do excedente do trabalho, será naturalmente e sucessivamente incorporado ao solo.

Segundo MORAES (1999), o processo foi se implementando gradativamente; as sociedades humanas, para reproduzirem as condições de sua existência, estabelecem suas relações com o seu espaço procurando fixar-se, concomitante apropriar-se do espaço, com o intuito de produzir, acumular, expandir e ao mesmo tempo concentrar. Tais são as palavras chave que os autores utilizam: fixação, apropriação, acumulação, expansão

e concentração. MORAES (1999) entende que a fixação corresponde a um certo grau de desenvolvimento das formas de apropriação e transformação do espaço, considerando que a apropriação é um momento prévio e necessário à valorização.

Essa evolução histórica, com sucessivos processos de apropriação (e desapropriação) implica em diferentes formas de valorização correspondendo aos avanços das forças produtivas da sociedade. Fixação implica em efetiva produção do espaço com acumulação "in situ". Segundo os autores, o excedente de trabalho de sucessivas gerações, sociedades e modos de produção, incorporam-se sucessivamente ao solo; significando o que SANTOS (1986) chama de "herança espacial".

Para MORAES (1999), a apropriação, fixação e acumulação de trabalho ao espaço, estão na origem do processo de constituição dos territórios e sua materialização dos limites de fixação com formas complexas de organização, sendo o Estado a sua institucionalização e promotor de expansão.

No momento seguinte da valorização do espaço e conseqüentemente, na maioria das vezes, à sua expansão, acontecem várias implicações decorrentes e inerentes às sociedades e territórios em questão, sendo que cada um desses processos acontece como história territorial distinta.

O movimento de expansão acontece, decorrente de um processo de concentração, ou seja, a concentração de população, trabalho e recursos que é a condição geral e fundamental para a expansão. Já a concentração está na origem do comércio e dos mercados, da acumulação de capital, com a intensificação de fluxos e também do domínio privado dos meios de produção, gerando com isso a expansão e concentração, fundamentos do desenvolvimento do capitalismo.

Num movimento quase cronológico, MORAES (1999), ressalta que o momento mais "rico" de valorização do espaço reside no processo de colonização, com a expansão sobre uma nova terra e a constituição de novos territórios e conseqüente ampliação do horizonte geográfico. Apesar das diferentes formas ou modelos (de colonização), não deixa de ser

universal. Implica na agregação de quantidade de espaço e respectivos fatores de produção (força de trabalho, recursos naturais e terra em geral).

A colonização possui grande poder de influência e, como próprio de seu mister, drena os recursos agregados ao meio econômico geral, que são os seus objetivos, a exploração de desenhos espaciais diferentes, valorizando ou não os espaços agregados, que será conhecida como valorização extensiva do espaço.

Outra forma de valorização intensa do espaço é a cidade, o espaço urbano, com uma gigantesca soma de tempos de trabalho aplicados num mesmo lugar; sendo a metrópole o seu caso de exacerbação e plena socialização do espaço. O aglomerado metropolitano é uma massa de valores cristalizados, um capital social geral.

O processo histórico que combina os fatores da urbanização, e a geografização de tal processo nos dá o padrão de distribuição das cidades. SANTOS (1979), afirma que os fatores de produção e suas atividades relacionadas, possuem lugar próprio no espaço, a cada momento da evolução social, portanto influem diretamente sobre a forma de organização do espaço, e conseqüentemente sobre a urbanização, mesmo que levados em conta fragmentária ou isoladamente.

Existem naturalmente outras formas de valorização do espaço, como o caso de valor estratégico de determinado território ou valorização política e, aqueles de menor universalidade como o escravismo com suas relações específicas, o feudalismo também com seus movimentos próprios e finalmente o capitalismo que avança cerradamente com relações de valorização "futura". O capitalismo exacerba mecanismos de especulação com o espaço em geral, gera preços artificiais e mesmo virtuais; o capital financeiro apropria-se do espaço e o transforma fazendo uma circulação de forma abstrata, ou seja, uma valorização abstrata, cambiada com base em instrumentos jurídicos de validação, além disso rende-se à difusão de inovações tecnológicas que é o processo básico dos fluxos internacionais da atualidade.

Existem duas qualidades específicas da valorização do espaço: a perenização e a transitoriedade do valor. As relações da sociedade e

espaço envolvem sempre uma certa capacidade de geração de excedente que pode ou não ser incorporado ao espaço, o espaço construído então pode vir a se confundir com o próprio espaço de produção.

O espaço pode receber um dinamismo, de certa forma contraditório, de incorporação de valor, tal como, certas condições que tornam possíveis certas formas predatórias de valorização. A dilapidação do patrimônio natural sem a devida incorporação de valor (trabalho) ao espaço ilustra o processo, como é o caso de uma mineração.

A relação perenização/transitoriedade nos remete à dialética, valor do espaço - valor no espaço, recompondo a circularidade do processo. A perenização está na intensificação da criação de valor no espaço. A compreensão da relação espaço-sociedade, entendida como processo de valorização do espaço, não considerando as questões relativas à valorização subjetiva do espaço. As ideologias espaciais são articuladas com as formas materiais de valorização do espaço.

A guisa de conclusão, podemos afirmar perante o que foi examinado, que os processos sociais produzindo forma, movimento e conteúdo sobre o espaço urbano, origina a organização espacial da cidade, com o conseqüente processo de valorização do espaço. É um movimento permanente e contraditório, quando negando o espaço, o destrói e sucessivamente o reconstrói, fragmenta-o tornando-o desigual, concomitante articula-se dentro de suas próprias contradições.

Capítulo 3. METODOLOGIA E OPERACIONALIZAÇÃO

Tendo em vista os objetivos do presente trabalho e dominada parte do conhecimento é o momento de traduzir sua forma metodológica, concomitante à tarefa de outros mecanismos de verificação do espaço em questão, inerentes à consecução do trabalho. Dessa forma foi realizado um levantamento exploratório para avaliação da viabilidade do tema identificado, bem como sua delimitação histórica, através de investigação preliminar e informal, levantando informações que pudessem dar consistência à formulação e elaboração do projeto a ser trabalhado, bem como, dissertar seu texto introdutório onde estão descritos os objetivos, geral e específico, seu paradigma de trabalho além da justificativa da pesquisa.

Para tratarmos da revisão teórica ancoramos nossa pesquisa na obra de CORRÊA (2001) e MORAES (1999), interessados pelas inter-relações entre a sociedade e o espaço, quando tratam respectivamente de processos espaciais e da valorização do espaço, enriquecida da leitura de outros autores da mesma linha de pensamento compondo a articulação necessária ao embasamento do texto. Tal revisão procurou em todos os momentos, enfatizar sobre as matrizes teóricas voltadas à questão da construção e valorização do espaço, bem como suas relações com a sociedade e a economia.

Simultaneamente, o trabalho deteve-se em considerações sobre o processo histórico como se deu a ocupação do espaço em Cataguases; levantamento esse, consorciado à revisão teórica será fundamental para dissertar a respeito da organização e análise do tema proposto, enfatizando os elementos que darão suporte às questões levantadas.

Numa terceira fase passamos à elaboração de nosso banco de dados, o que chamamos de fase compilatória, quando então buscamos nas fontes primárias e secundárias disponíveis, os dados e fatos que irão contribuir para o resgate das transformações ocorridas entre 1920 e 1949.

Tais dados, principalmente aqueles de fontes secundárias, serão utilizados numa eventual necessidade de correlações, desde que, com outros da mesma natureza e por igual procedimento metodológico; assim

organizados servirão à elaboração da análise e interpretação dos resultados.

Como quarta e última fase investigatória, foram utilizadas fontes primárias, através de entrevistas com um grupo de informantes-chave do processo; selecionados com base em conhecimento informal; da capacidade de julgamento, conhecimento e discernimento sobre o processo ocorrido na cidade. Para a entrevista, foi utilizado um roteiro investigativo¹, que, aplicado teve como objetivo principal, conhecer e inteirar-se junto ao grupo selecionado, suas opiniões e valores a respeito do tema proposto.

O resultado das entrevistas, depois de transcritos, porquanto foram colhidas por gravação em meio magnético, serviu para a análise e organização dos resultados e considerações finais, compondo assim um mosaico, onde se verificaram unanimidades e eventualmente diferenças de pensamento, servindo à consecução da análise.

Simultaneamente, quando de deslocamento até a cidade de Cataguases, para coletar as entrevistas, foi realizado um ensaio fotográfico dos locais, então descritos no texto. Esse material será utilizado para enriquecer o trabalho, demonstrando através da imagem, a ocupação e o arranjo do espaço urbano de Cataguases, bem como sua arquitetura moderna.

Organizado todo o material compilado, descrito e investigado, e, com base nos resultados das entrevistas, foi realizado o trabalho dissertativo de análise do processo investigatório, quando então verificamos sobre a assertiva dos objetivos, bem como a veracidade da hipótese; elaborando texto sobre as considerações finais, onde se espelham os resultados, do que foi proposto no texto introdutório.

Na montagem final do trabalho, além das imagens da cidade, tanto históricas quanto atuais foram inseridas no contexto, como forma ilustrativa da ocupação da cidade, do arranjo urbano e também da arquitetura da cidade, foi inserido um mapa de localização do município de Cataguases,

¹ Roteiro de Entrevista inserido como Apêndice.
PMMonografia

com relação ao Estado de Minas Gerais e Brasil, assim como, um mapa histórico do município de 1920, quando Cataguases ainda possuía vários Distritos que hoje são municípios, como Astolfo Dutra, Dona Euzébia, Itamarati de Minas, Laranjal, Miraí e Santana de Cataguases. Outro mapa histórico que comporá o trabalho será o que espelha a ocupação da cidade em 1958, demonstrando o resultado de toda a fase do processo trabalhado.

Capítulo 4: ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE

4.1. LOCALIZAÇÃO E POSIÇÃO GEOGRÁFICA

Cataguases é um município da Zona da Mata no Estado de Minas Gerais, ocupando 483,60 Km² da região Sudeste do Estado, limitando-se ao Norte com Guidoval e Mirai; a Leste com Santana de Cataguases e Laranjal; ao Sul com Leopoldina e a Oeste com Itamarati de Minas e Dona Euzébia. Localiza-se na Depressão do Paraíba do Sul, às margens do Rio Pomba, a 167 metros de altitude com as coordenadas geográficas de longitude de 42°41'30" W e latitude de 21°23'10" S. 42°41'30" W e latitude de 21°23'10" S.

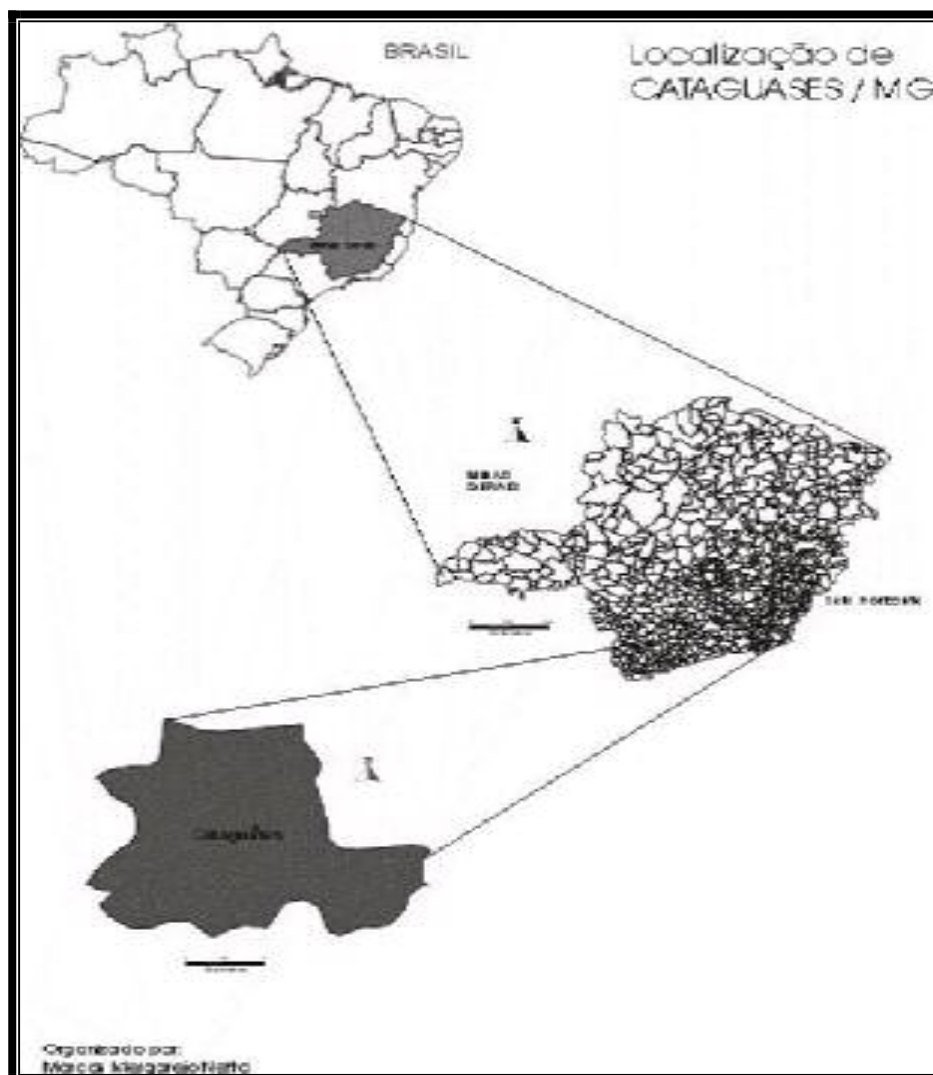


Figura 01: Mapa de localização de Cataguases

4.2. ORIGEM E HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

Por volta de 1813 chegaria à Zona da Mata o francês Guido Tomaz Marlière. Antes em 1811, talvez por ser a única voz dissonante no massacre dos índios da região, teve problemas com as autoridades brasileiras, tendo sido preso por denúncia anônima, sob suspeita de ser agente subversivo de Napoleão. Posteriormente ganhou reconhecimento por sua disciplina e seus princípios de defesa da civilização indígena, contra a brutalidade dos militares e funcionários do governo.



Figura 02: Paisagem da região à época da fundação de Cataguases - Desenho de Percy Lau (Fonte: FIBGE)

Nomeado tenente-coronel do Regimento de Cavalaria das Minas Gerais, foi encarregado das divisões militares do Rio Doce e, da “Civilização e Catequese dos Índios”. Instala seu quartel na localidade da Serra da Onça, mais tarde, denominando-o Guidoal, onde receberia inúmeros visitantes e pesquisadores estrangeiros, e, inicia sua obra de desbravador da região e catequista dos índios, que nutriam pelos colonos forte aversão.

Em 1828, Marlière chegou ao lugar chamado Porto dos Diamantes,

onde havia um arraial de brasileiros, além dos índios Coroados, Coropós e Puris. Daí a tornar-se o Arraial do Meia-Pataca, por causa da meia-pataca de ouro encontrada em um ribeirão, sob o orago de Santa Rita de Cássia. Marlière aceitou os terrenos doados pelo Sargento de Ordenanças Henrique de Azevedo, onde traçou os limites e fundou a povoação, determinando ainda um traçado que serviria de plano pioneiro para a ocupação do terraço.

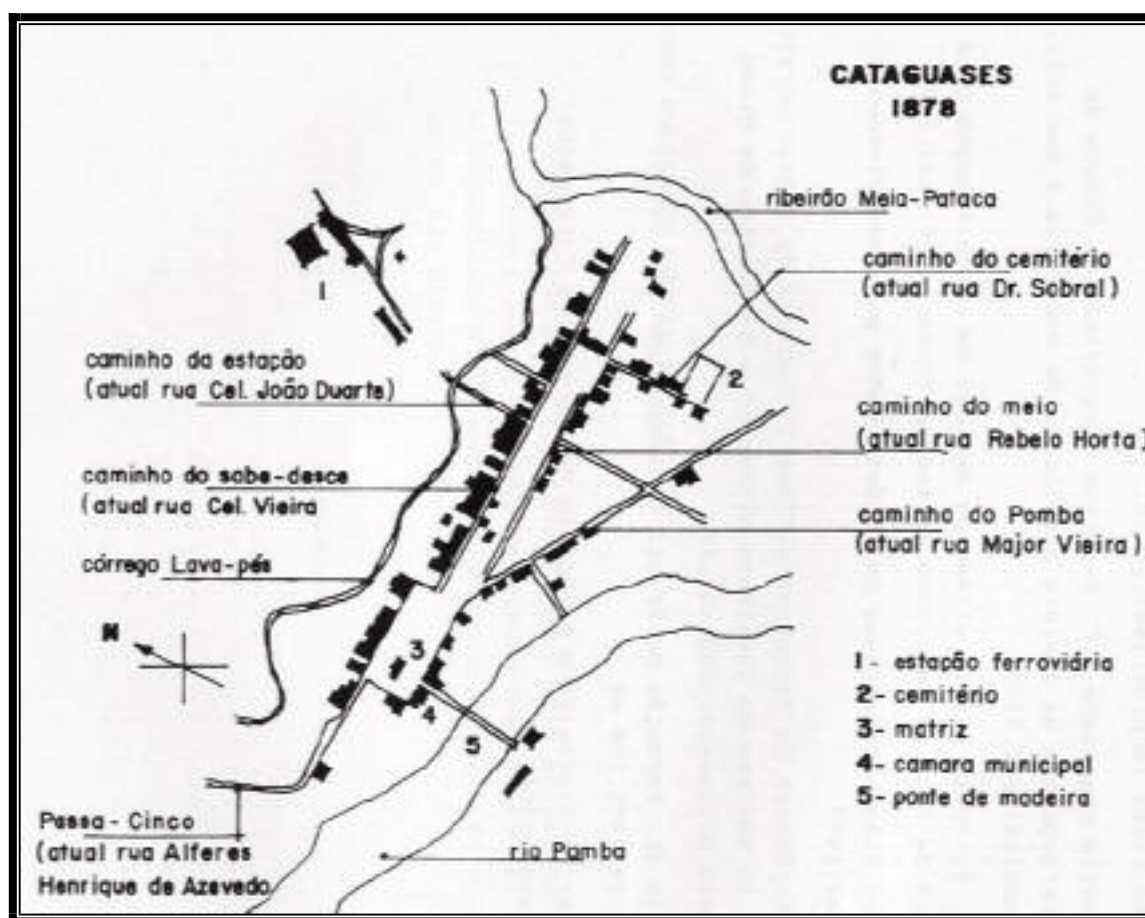


Figura 03: Esboço urbano de Cataguases/1878 (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural - 1)

Um ano depois de fundar Cataguases, Marlière foi reformado no posto de coronel, sentindo-se frustrado por não poder terminar a sua obra, mas, naquele que pode ser considerado o período rústico da Zona da Mata, Marlière, enquanto inspecionava os serviços da Estrada de Minas aos Campos dos Goitacazes, na Província do Rio de Janeiro, fundou várias outras povoações. Aquela estrada atenderia a uma nova política de ocupação da Região da Zona da Mata.

Marlière morreu na localidade de Guidoal, em 1836, mas em 1829 já havia abandonado seus compromissos com o governo. Por mais polêmica que tenha sido sua atuação, é consenso nos registros históricos, que três anos após seu desligamento do trabalho, não havia mais aldeamentos de índios no Rio Doce. Tinham sido destroçados ou abandonados, com acelerado extermínio dos seus moradores.

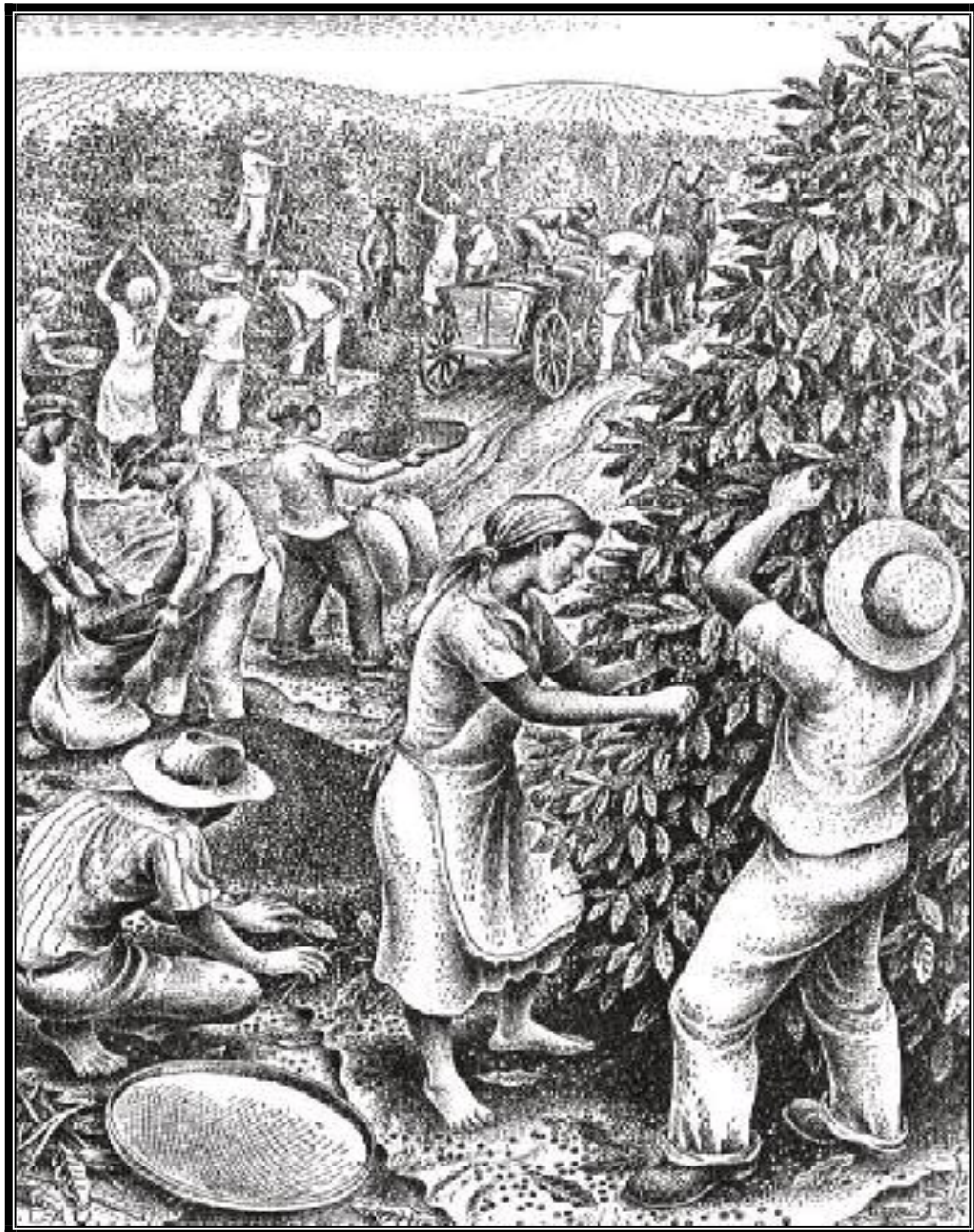


Figura 04: Colheita de café – Desenho de Percy Lau (Fonte FIBGE)

O Arraial de Meia-Pataca, atual Cataguases, a partir desse período, recebeu novos colonos, oriundos da região mineradora, ora esgotada, e

estabeleceu ligações familiares importantes, entre os Vieira de Resende, os Dutra, os Junqueira, os Ferreira, dentre outros, também de importância econômica ou política, e recebendo benfeitorias passou a experimentar através da economia cafeeira um desenvolvimento econômico que o elevou à condição de Vila e posteriormente a Município, em 1877.

Sitiada em terrenos sedimentares na margem esquerda do Rio Pomba, Cataguases nasce sob um efeito de transmigração de espaço, onde se alocam os senhores que antes dominavam outro espaço econômico, no caso a região aurífera, passando a dominar a economia local e, obtendo através da lavoura do café a forma de recuperação da decadência mineradora. A criação do povoado já havia sido autorizada pelo governador da Capitania, Diogo Lopes da Silva, desde 1767, que deveria ser ocupado por mineradores egressos da região do ouro. Um século depois a política de migrações para a região muda. Não mais a busca do ouro, a atividade de atração passa a ser a lavoura de cafeeira. Assim começam a chegar os novos migrantes.

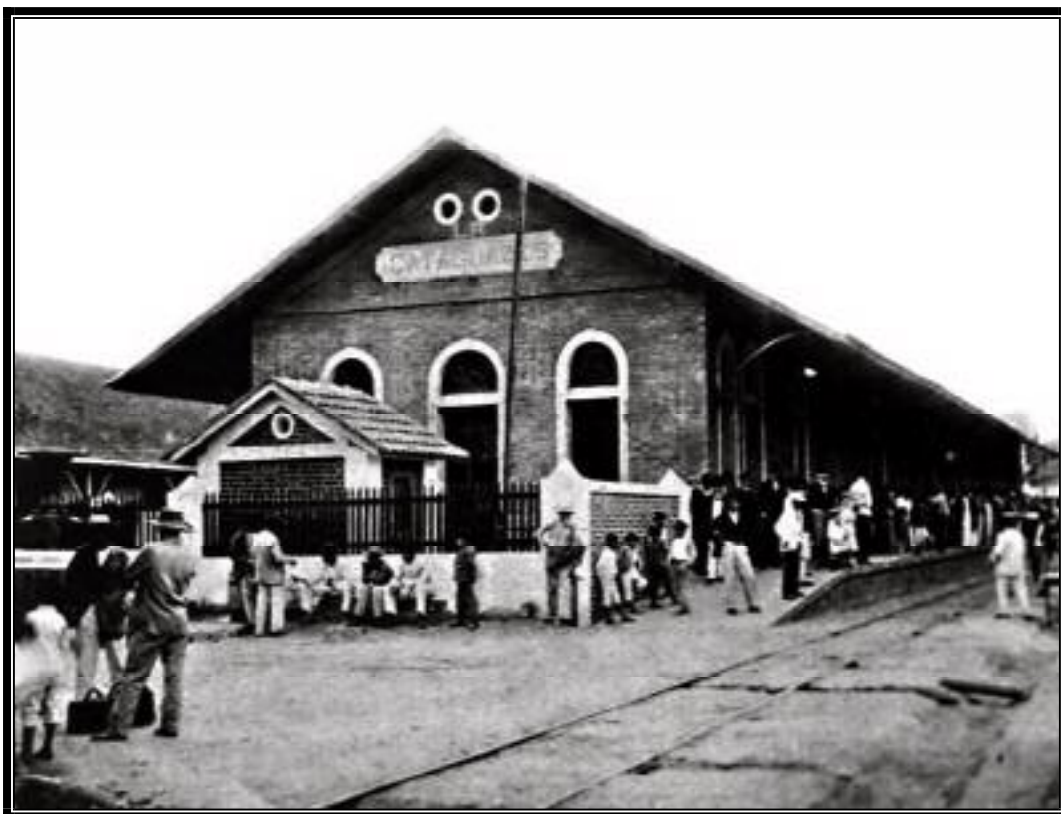


Figura 05: Estação Ferroviária da E.F.Leopoldina (Fonte: Arquivo Público Municipal)

A 25 de novembro de 1875, era sancionada a Lei Provincial nº 2,180 que criava o município de Cataguases, composto das freguesias do Meia-Pataca, Laranjal e Empoçado, desmembradas dos municípios de Leopoldina, Ubá e Muriaé, e das Freguesias de Santo Antônio do Muriaé e Capivara; a sede do município será na Freguesia do Meia-Pataca, elevado à categoria de Vila, passando a chamar-se, Cataguases. Este nome, origina-se de uma atitude sentimental do coronel José Vieira de Resende e Silva, remontando ao rio Cataguases, na região de sua infância, Lagoa Dourada.

Apesar da criação em 1875, apenas em 1877 a Vila de Cataguases foi instalada, no dia 7 de setembro daquele ano. Por essa época, a Estrada de Ferro Leopoldina, já chegava à cidade por causa do café ali produzido.

4.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS

A cidade de Cataguases guarda em sua paisagem marcas indeléveis de um significativo patrimônio cultural literário, artístico e arquitetônico, destacando-se assim no cenário cultural brasileiro.



Figura 06: Escultura de Bruno Giorgi "A Família" de 1956 (Foto do Autor)

Tal legado está assentado num movimento iniciado na década de 20, como que, uma "vocaçãõ" para a modernidade, passando por sucessivas fases e, atualmente ressurgindo na forma de instituições culturais que buscam uma recuperação de determinados espaços e o consequente

rearranjo cultural da cidade.



Figura 07: Escultura “A Mulher” de Jan Zach (Fonte: CD Zona da Mata)

Tal “vocaçãõ” concebida naquele período nos inquieta a buscar outras respostas, e investigar como ocorreu seu processo de ocupação espacial e especificamente, como aconteceu sua inserção no meio cultural nacional.

Dentro desse processo, procuramos identificar como aconteceu essa evolução no tempo, bem como sua ação transformadora sobre o espaço, na construção de um conjunto de formas materiais articuladas sobre o mesmo. Portanto, trata-se então que o espaço urbano é um reflexo provocado pelas sociedades e, como as mesmas, para reproduzirem as condições de sua existência, estabelecem relações vitais com seu espaço, tornando-se força produtiva e, aliada aos meios por ela mesma criados, é o agente da transformação do espaço.

CORRÊA (2001), considera a cidade a expressão concreta dos processos sociais na forma de um ambiente físico, construído sobre o espaço geográfico. Contudo, para que os processos sociais possam aplicar e

produzir forma, movimento e conteúdo sobre o espaço geográfico, eventualmente urbano, a qualquer tempo é preciso que se sirva de algum vetor. No caso específico a economia foi imprescindível no primeiro momento, para lhe dar organização citadina e interações próprias da sociedade, como o fluxo de capital, migrações e outros.



Figura 08: Vista Aérea na década de 40, Praça Santa Rita (Fonte: CD Zona da Mata)

Fruto de nossa averiguação é consenso que a economia cataguasense tem seu princípio, sustentada pela lavoura cafeeira, fundamental ao processo ora em discussão. Entretanto, as opiniões divergem quanto ao melhor momento econômico que a cidade atravessou no período em questão, seja pela distensão temporal ou pela própria ausência de dados em que se apoiar.

Curiosamente, o relato nos aponta para um quadro cronológico iniciado com uma colônia portuguesa na cidade, dominando toda a economia e assumindo o comando político cataguasense, quando,

segundo depoimento cerca de duzentos portugueses chegaram a estabelecer um consulado em Cataguases.



Figura 09: Cia. Fiação e Tecelagem Cataguases em 1905 (Fonte: CD Zona da Mata)

Alavancados pela economia cafeeira, redirecionaram o capital para a indústria, isso ocorrendo desde a primeira década do século XX, com ênfase na segunda década, quando o café dava sinais de declínio produtivo.

Num segundo momento, houve a criação da segunda fábrica de tecidos, a Companhia Industrial Cataguases, da cidade, na década de 30 com finalização na década seguinte e a criação da terceira fábrica de tecidos, a Companhia Manufatora de Tecidos de Algodão.

Percebe-se aí um traço dessa inquietação que se tornaria uma das características marcantes da sociedade cataguasense, ou seja, ser diferente, reorganizar sua economia, fugir da crise, redirecionar seu capital, tornar-se vanguarda, o que, com certeza constituir-se-ia a base de todo um processo cultural.

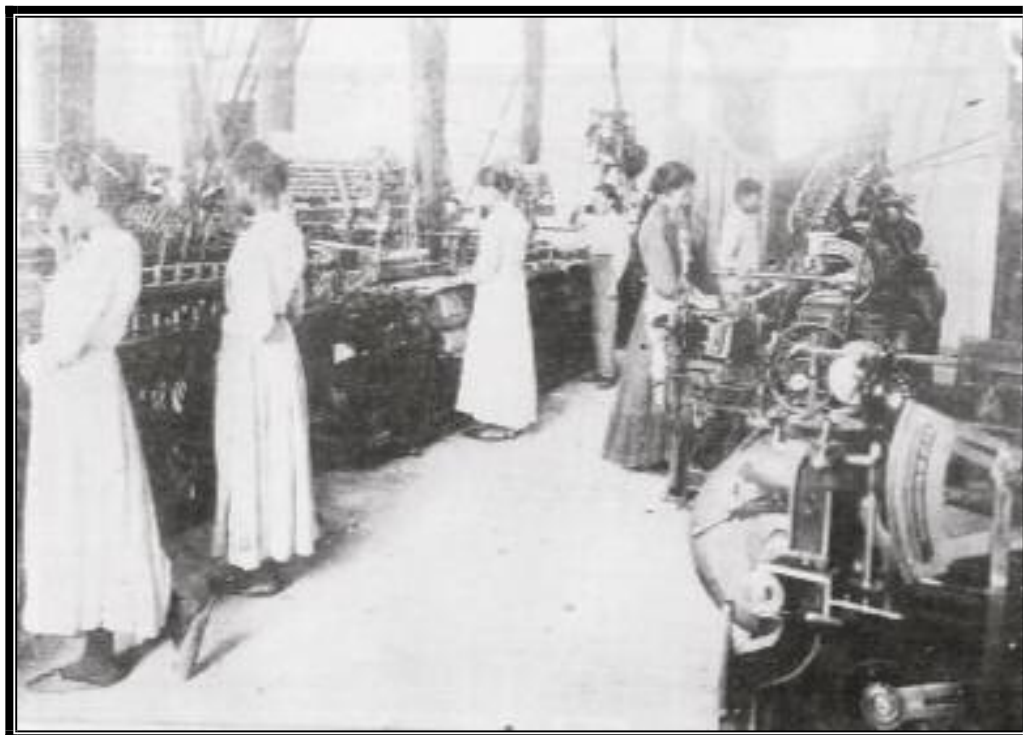


Figura 10: Operárias trabalhando na indústria de tecidos (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural - 1)

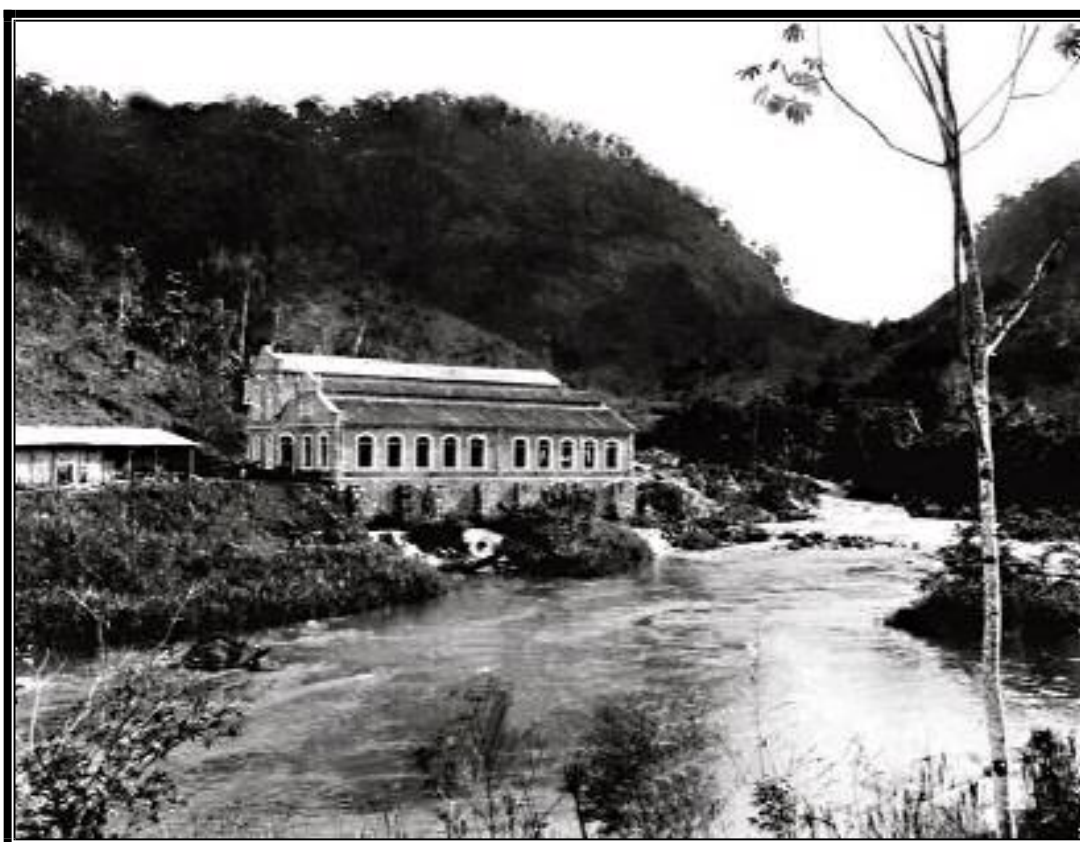


Figura 11: Usina Maurício (Energia Hidroelétrica) de 1908 (Fonte: CD Zona da Mata)

Antecipando-se ao Relatório de Carlos Prates de 1906, que denunciava a crise cafeeira, instala-se na cidade a primeira fábrica de tecidos. A Companhia de Fiação e Tecidos de Cataguases, instalada em 1905, inicialmente movida a vapor, no ano seguinte passou a ser utilizar-se da hidroeletricidade; com a instalação da primeira usina da região, em terras do atual município de Itamarati de Minas.



Figura 12: Praça Santa Rita (Foto do Autor)

Em 1906, com a instalação da Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina, seria outra iniciativa fundamental para a reorganização da economia, financiada com recursos locais. A energia hidroelétrica, antes que um luxo para a época, seria de notável utilização para o desenvolvimento de diversas atividades e, principalmente para o crescimento urbano.

Culturalmente Cataguases pode experimentar no período estudado, dois momentos profícuos, sendo de certa forma a década de 40, resultado da década de 20, considerados determinados aspectos do processo. Há consenso em afirmar que a década de 20 é a mola propulsora dos demais

movimentos, todavia o processo é amplo. Ainda em 1923, o cinema protagonizado por Humberto Mauro, encontrou em Cataguases, as condições que deram suporte ao pioneiro do cinema nacional.



Figura 13: Praça Rui Barbosa (Foto do Autor)

Naquela década, acontecia em São Paulo, uma das maiores manifestações culturais do país: a Semana da Arte Moderna, em 1922. Partícipe ao evento, embora um pouco mais tarde, em 1927, funda-se em Cataguases um grupo denominado, “Grupo Verde”². Esse movimento conseguiu fazer história e perpetuar-se no meio cultural brasileiro, mantendo vínculo com grupos semelhantes da ex-capital federal, Rio de Janeiro, e de Belo Horizonte, onde aconteciam movimentos semelhantes.

Em 1929, após o sexto número, a revista “Verde” morreu junto com seu poeta maior, Ascânio Lopes. Aqueles “ases”³, fizeram sua parte e deram

² GRUPO VERDE: Grupo de jovens intelectuais de Cataguases, que protagonizaram lançar um Manifesto e editar durante um determinado período, uma Revista Literária, que tomou projeção nacional, repercutindo junto aos intelectuais da Semana da Arte Moderna de São Paulo.

³ Alusão ao poema de Mário de Andrade, feito em homenagem aos “rapazes de Cataguases”.

projeção ao nome de Cataguases, mas em seguida dispersaram-se pelo país: Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre; contudo as idéias permaneceram, sendo mais tarde reconstituídas sob novas denominações e espaços renovados.



Figura 14: Parcial do Colégio Cataguases (Foto do Autor)



Figura 15: Escultura de Jan Zach - Jardins do Colégio Cataguases (Foto do Autor)

Entretanto um foi, mas felizmente voltou. Cataguases era sua missão. Francisco Inácio Peixoto, seria um diplomata, mas, cedeu ao apelo da família, voltou para cuidar dos negócios e fez muito mais. Foi o agente da transformação de Cataguases, que na década de 40 atingiu sua melhor conformação, concluindo aquele processo iniciado na década de 20.



Figura 16: Parcial do Colégio Cataguases, com escultura de Jan Zach (Foto do Autor)

Consensualmente Cataguases notabilizou-se através de sua economia e cultura. Sob o primeiro aspecto a cidade soube o momento certo de redirecionar seu capital diversificando suas atividades, simultaneamente, permitiu iniciativas no sentido de dar formação pelo menos a parte de sua população, fazendo com que sua população vivenciasse um processo de

formação diferente das demais cidades de seu entorno.



Figura 17: Parcial do Colégio Cataguases, em meio à vegetação (Foto do Autor)

Asesando nosso foco no período entre as duas guerras mundiais, verificamos que as transformações ocorridas na cidade de Cataguases aconteceram, sobretudo, pela opção ao modernismo e sua ação principalmente na arquitetura. Por ocasião da década de 20, ou seja, finda a primeira Grande Guerra, ainda havia um certo alívio pelo final do conflito mundial, quando vários movimentos culturais grassavam pela Europa, contagiando os demais países, inclusive o Brasil.

Cataguases passa a assistir aos filmes de Humberto Mauro, acontece o surgimento do cinema nacional. Contemporâneo do movimento literário, esse cidadão com todo seu talento a serviço de um sonho: fazer cinema, contribui com mais um vetor na construção do processo que transformaria Cataguases no exemplo atípico de uma cidade, marca indelével no cenário cultural brasileiro. O cinema foi meio eficiente, dentro do movimento de expansão e valorização do espaço, uma vez que provocou a busca por espaços e produziu.

O movimento literário veio em seguida com uma publicação literária,

mas, isso não seria possível sem que houvesse um arcabouço, não só que financiasse tais movimentos, mas também pelo fato de que havia condições intelectuais para tal.



Figura 18: Detalhe da fachada da Matriz de Santa Rita de Cássia (Foto do Autor)

Dentro do período em questão, a década de 40 foi com certeza o coroamento do processo em andamento. Contando com mais três grandes unidades industriais, especializando-se no ramo dos tecidos, Cataguases recebeu, por essa época, o elemento que a tornou definitivamente contrastante das demais cidades. A questão traz a unanimidade sobre a criação do Colégio Cataguases, que tornou-se o marco divisor entre duas épocas.

Mas o Colégio Cataguases não foi só isso, foi também o grande exemplo da arquitetura modernista que definitivamente aportou na cidade. Cataguases incorpora ao seu espaço o risco do arquiteto Oscar Niemeyer, posteriormente transformado em símbolo da arquitetura moderna, através do prédio do colégio, concluído em 1948, representando o estilo que se perpetuaria na cidade. Neste mesmo colégio, construído no alto de uma

colina em meio à densa vegetação, Portinari deixará seu traço e suas cores, com a fantástica obra do mural da Inconfidência Mineira, assim como a escultura de Jan Zach, além de Bruno Giorgi, Bolonha e outros.



Figura 19: Painel de Portinari - Salão Nobre do Colégio Cataguases (CD Zona da Mata)

Principalmente o Colégio trouxe à cidade o gabarito e a qualificação de diversos profissionais do ensino, alunos de outras cidades do país, filhos de pessoas importantes. Essa interação também atraiu elites, trouxe nova mentalidade, tornando Cataguases importante em termos educacionais, causando com isso uma projeção do colégio e da cidade no cenário nacional.

Tal empreendimento partiu da visão cultural de Francisco Peixoto, que, através de seu conhecimento, convencimento e disponibilidade financeira, conseguiu convergir essas ações em um investimento fabuloso. Não foi mecenato, não foi patrocínio; houve um investimento em um acervo fantástico, permitindo, contudo, que a cidade também se beneficiasse dessas ações, visto que, tornou-se possuidora de um patrimônio que notabilizado, multiplicou-se pela influência de tais ações, tornando-a um

pólo cultural.

Esse investimento na cultura fez com que a cidade passasse a ter um acervo público, uma arte exposta e aberta, influenciando diretamente no arranjo urbano, para o que a arquitetura foi fundamental, porquanto buscava-se a funcionalidade dentro dos padrões modernistas da época.

Para que tais transformações ocorressem no espaço urbano, não bastava somente o empenho de um ou pouco mais agentes do processo, mas o envolvimento da sociedade, mesmo que fosse através do poder público. Foi o que aconteceu, pois, no plano político, a cidade atravessou uma de suas melhores fases, contando em períodos das décadas de 40 e 50, com três deputados, sendo dois federais e um estadual, ajudando portanto a projetar Cataguases, bem como intercedendo junto às demais esferas do poder público.

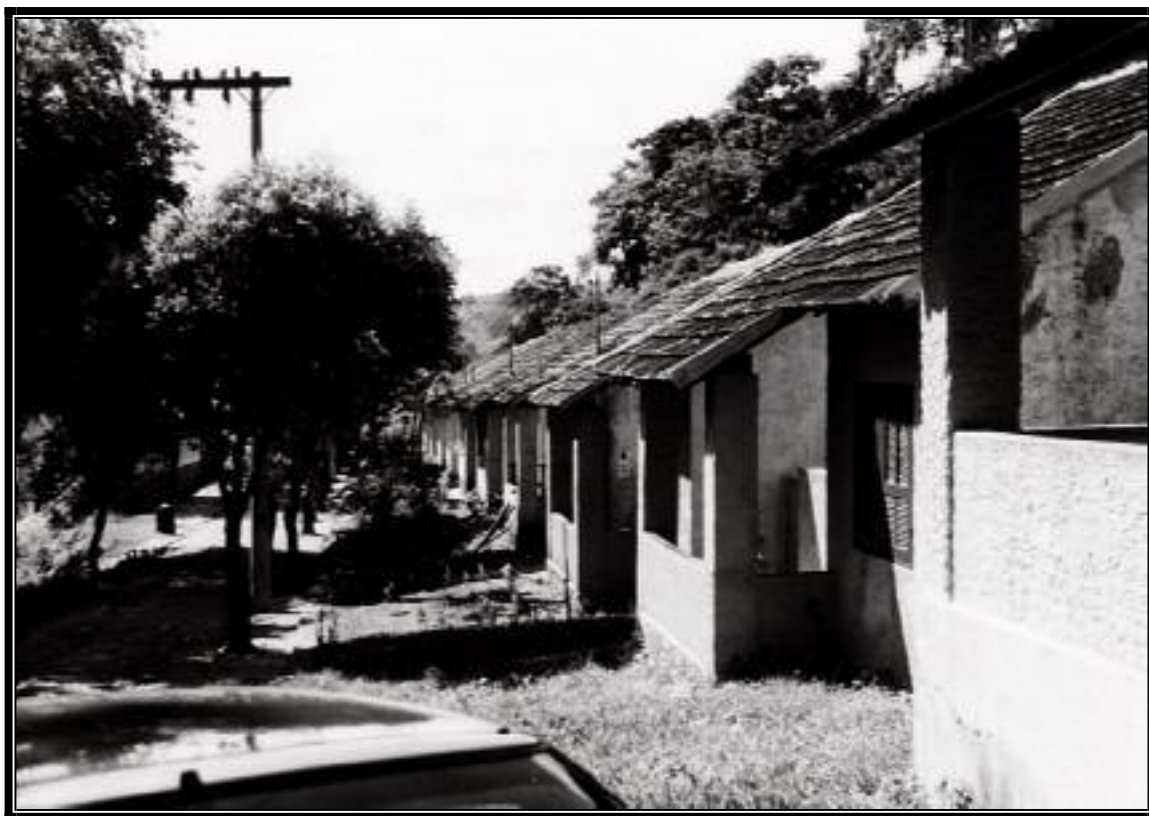


Figura 20: Bairro operário (Bairro Jardim) construído na década de 40 (Foto do Autor)

A população, mesmo alijada de boa parte do processo, via naquele movimento algo de grande que acontecia na cidade, traziam consigo um

certo sentimento de orgulho e, segundo os depoimentos, Cataguases era uma das cidades mais limpas que se tinha notícia.

Francisco Peixoto, embora um literato, influenciou muito mais nas artes plásticas e na arquitetura, do que na literatura. Conseguiu mais uma vez, conjugando convencimento, cultura e poder, incutir o gosto pelo modernismo na população cataguasense, fazendo com que houvesse uma disseminação daquele modelo funcional e urbano de viver.



Figura 21: Fachada do prédio da Prefeitura Municipal, remanescente da fase pré-modernista (Foto do Autor)

Os depoimentos enfatizam as repercussões positivas de todo esse processo, e, por outro lado, não são unânimes em ressaltar sobre os aspectos negativos durante o período em questão.

Segundo depoimento, as querelas políticas entre as duas principais correntes, foi capaz de desunir e prejudicar a cidade que poderia hoje ser um tanto maior. Outro fato que chama a atenção é sobre o quadro social. Com exceção do operariado que recebia assistência das grandes indústrias, o restante da população de classe baixa permanecia alijada do todo e

qualquer processo, encontrando amparo apenas nas obras sociais religiosas. Quando comentamos sobre o movimento modernista na cidade, fica explícito o seu papel no arranjo urbano da cidade. Fora a literatura, que restringe-se a ambientes adequados à sua prática, ou a pintura que vez por outra manifesta-se à grande multidão sob a forma de painéis.



Figura 22: Casa de Francisco Inácio Peixoto – Oscar Niemeyer/1943 (Foto do Autor)

Segundo depoimento, o modernismo veio para chocar. Foi um choque essa passagem para o modernismo e pode desnudar-se sob a forma arquitetônica de forma irreversível. Entretanto a digestão foi lenta, pois o primeiro choque cultural aconteceu na década de 20; somente anos e anos depois, na década de 40, aconteceria a consecução dessa passagem.

Francisco Inácio Peixoto, não por acaso tivesse participado do movimento de 1927, em 1943, convida Niemeyer a projetar sua casa, bem como a outros nomes consagrados para elaborar projetos de mobiliário e paisagismo. Simultaneamente lhe encomenda o projeto para o Colégio Cataguases, que havia adquirido no ano anterior, convida também Portinari a pintar um mural, o qual tornou-se o grande Mural da Inconfidência Mineira,

encontrando-se hoje exposto no Memorial da América Latina em São Paulo/SP.



Figura 23: Fachada da Cia. Fiação e Tecelagem Cataguases/1905, atualmente Centro Cultural Chica Peixoto (Foto do Autor)

Cataguases receberia de imediato, as obras daquele que seria mais tarde o grande nome da arquitetura nacional, acompanhado de outros profissionais do mesmo calibre.

Quando comparamos as imagens das duas principais tecelagens da cidade, é notável a diferença de estilos entre as duas construções, sendo que a primeira (Figura 23) foi construída na primeira década do século XX e a segunda (Figura 24), na década de 30.



Figura 24: Fachada Cia. Industrial Cataguases/Década de 30 (Foto do Autor)

A construção da Companhia Industrial Cataguases, na década de 30, já traz diferenças bem características no estilo arquitetônico, marcado pela funcionalidade adotada.

Por outro lado, esse gosto pelo moderno, torna-se também voraz e elimina alguns elementos importantes do patrimônio arquitetônico cataguasense. Sejam eles, alguns prédios que representavam um estilo de época, que deveriam ser preservados, assim como o são a Prefeitura Municipal e a Estação ferroviária, bem como a casa da Chácara Dona Catarina.

O Teatro Recreio seria um bom exemplo de assim como o foram os monumentos citados anteriormente. De estilo maneirista italiano foi construído em 1895, tendo sido demolido em 1947, cedendo lugar ao moderno edifício que abriga o atual Cine Teatro Edgar.



Figura 25: Fachada do Teatro Recreio, demolido em 1947 (Arquivo Público Municipal)



Figura 26: Parcial da Praça da Estação (atual Praça Governador Valadares), à direita a Estação Ferroviária, à esquerda e centro os antigos armazéns e hotéis (Foto do Autor)

Conforme depoimento recolhido, mais tarde Francisco Inácio Peixoto,

arrependeu-se de ter mandado demolir o prédio do Teatro Recreio, entretanto, tudo tinha de ser demolido para ser posteriormente construído dentro das concepções modernas. Ainda que perceba-se neste caso uma certa ingenuidade em lidar com o patrimônio, nota-se uma inquietação, própria do modernismo e do cataguasense.



Figura 27: Fachada do Banco do Brasil, década de 30 (CD Zona da Mata)

Há unanimidade em afirmar que a cafeicultura foi preponderante para a economia cataguasense e todas as suas decorrências. Foi com base na economia cafeeira, que o empresariado cataguasense reorganizou seu capital, permitindo novos empreendimentos.

A economia cafeeira movimentava a cidade. No princípio tudo era em função do café, desde o trabalho na lavoura, passando pela cidade nos armazéns de beneficiamento e comercialização, até o transporte e exportação do produto; tudo girava em torno do que o café proporcionava. A estrada de ferro chegava em 1877, em função do café, pois Cataguases tornou-se pólo distribuidor de café de todas as fazendas da redondeza, através do Cel. João Duarte, português, que na ocasião dominava a

economia local. Imediatamente o café permitiu que tivéssemos um meio de comunicação eficiente. Mas permitiu mais, o enriquecimento de alguns grupos, simultaneamente criando um proletariado urbano, concorrendo enfim para estruturar as classes sociais.



Figura 28: Antiga Rua da Estação ou Rua do Comércio (Memória e Patrimônio Cultural)

Curiosamente Cataguases não possuía terras férteis para a agricultura cafeeira, mas serviu como base para as demais localidades, que através dos escritórios ali instalados, podiam exportar seu produto, mantendo toda uma estrutura criada na cidade para este fim.

Desde sua fundação até o final da década de 20, na área compreendida pela Praça da Estação e suas adjacências, estabelecia-se o grosso da economia local. Primeiramente com a construção da Estação ferroviária da Estrada de Ferro Leopoldina em 1877, a seguir com o entroncamento da Estrada de Ferro Cataguases, para o escoamento da produção de café, estabelecendo ligação com os atuais municípios de Santana de Cataguases e Mirai, sendo o último, grande cafeicultor.



Figura 29: Rua Cel. João Duarte, antiga Rua da Estação (Arquivo Público Municipal)

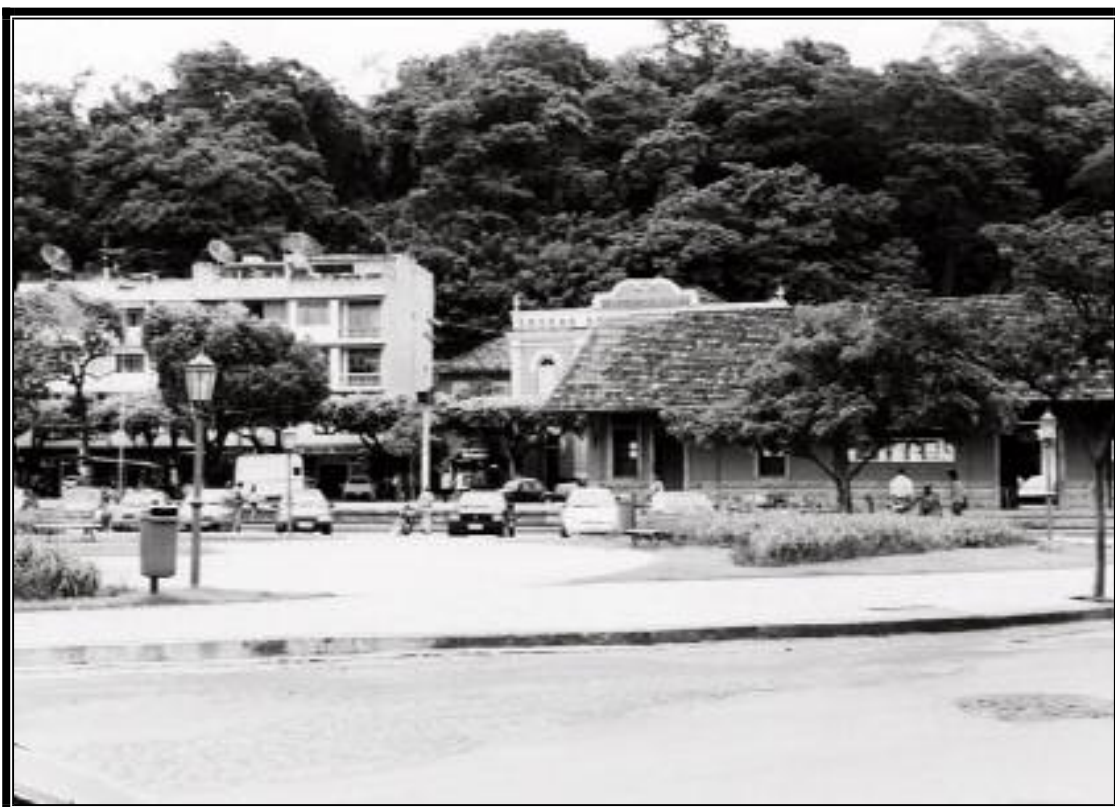


Figura 30: Parcial da Praça da Estação, com a Estação em primeiro plano e o Hotel Villas em plano subsequente (Foto do Autor)

Não por acaso, mas a primeira indústria de tecidos de Cataguases, a Companhia de Fiação e Tecidos Cataguases, mais tarde, Indústria Irmãos Peixoto, estabeleceu-se a poucos metros da Estação.

Foi realmente um complexo naquela área da cidade, com a instalação de hotéis, armazéns atacadistas, escritórios para exportação, além de um sem número de atividades anexas ao processo ora em funcionamento. Ali também existia vida social, pois a estação ferroviária, como meio de comunicação, servia não só ao transporte, mas, também como ponto de encontro; haviam os embarques e desembarques de mercadorias e pessoas.

Tudo isso articulando um espaço que num movimento ganha unidade e origina um conjunto, realizando a gestão das atividades, cujo foco é a centralização dos meios. CORRÊA (2001) ressalta com propriedade, que essas relações espaciais são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos.

Os depoimentos coletados sem dúvida estabeleceram pontos fundamentais para o entendimento acerca da questão proposta. De certa maneira foram quase unânimes em todos os questionamentos com pequenas variações que não retiraram o sentido e a conformação das respostas.

4.4. ANÁLISE DOS ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Os aspectos descritos anteriormente tornaram Cataguases uma cidade diferente, com excelente traçado urbano e arquitetura ponderável. Curiosamente o primeiro plano urbano para Cataguases, foi feito em 1828, pelo fundador da cidade o francês Guido Marliére. A cidade, por ocupar um fundo de vale, estabeleceu sua ocupação urbana preferencialmente pelas áreas mais planas, ocasionalmente com pequenas elevações. A preocupação do fundador era de que aquele terraço de forma trilateral, abrangendo de um lado a margem norte do Rio Pomba, de outro o curso do Ribeirão Meia Pataca e por outro uma colina, atualmente lindeira à via férrea, não sofresse uma ocupação desordenada.



Figura 31: Parcial aérea de Cataguases na década de 30 (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural –1)

Esta zona de terraço dos dois principais cursos d'água que cortam a cidade, por não oferecer obstáculos, facilitou sobremaneira a ocupação

central da cidade, destacando-se a elevação onde estão localizadas as principais praças. Todavia, parte dessa área constituindo uma cavidade, principalmente próxima ao curso do Ribeirão Meia Pataca, fosse eventualmente ameaçado por enchentes causadas pelas cheias do Rio Pomba.

Com exceção da área central, e, ainda sem o necessário planejamento urbano, as demais edificações dos núcleos urbanos seguiam um modelo de agrupamento linear, ao longo de uma rua que por sua vez delineava-se ao redor de alguma colina. Não obstante, CARDOSO (1955), já identificara o relevo movimentado, contrastando com a baixada aluvial, com morros a um nível de 350 a 400 metros, praticamente cercado a cidade e simultaneamente facilitando o abastecimento d'água que é feito por gravidade.



Figura 32: Detalhe da Avenida Astolfo Dutra, com o Córrego Lava-Pés, ladeado pela linha férrea (Foto do Autor)

SANTOS (1979-15), avalia que os lugares não são iguais, portanto, suas diferenças são o resultado do arranjo espacial e dos modos de produção,

sendo que o “valor” de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos daqueles modos de produção e da maneira como eles se combinam e ensina: “Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço” .

A cidade ainda pequena experimentava um certo incremento populacional devido às migrações do campo para a cidade tendo em vista o declínio da lavoura cafeeira, também porque a indústria dava sinais de crescimento, confirmado pela instalação de novas unidades na década seguinte, que foi uma fase de transição das transformações ocorridas na cidade.

Cataguases empreendia assim uma ação urbana bastante vigorosa, com a implementação de nova unidade fabril. Ao mesmo tempo as atividades camponesas estavam em crise, fazendo com que maior parte da população rural demandasse o emprego nas fábricas da cidade, aumentando ainda mais a massa trabalhadora urbana, conseqüentemente ampliando e modificando o espaço urbano, o que se tornou reflexo também nas condições de ocupação e nas concepções arquitetônicas da cidade. Essa população oriunda do campo, onde a economia se deteriorava, incrementa o grau de urbanização, entretanto, estará necessariamente afastada da educação básica escolar, que não dispunha de horários ou programas especiais, que favorecessem os operários das indústrias, ora em crescimento, segundo relato (MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – Cataguases - Volume 1, 1988). Serviria, contudo, ao processo de valorização do espaço e sua conseqüente expansão pela incorporação de valor através do trabalho.

Freqüentemente, o trabalhador rural que aporta à cidade não se conformaria com os inconvenientes que o espaço urbano provoca. VALVERDE (1958), aponta para a necessidade de mais “largueza” para sua moradia, buscando então terrenos mais baratos e uma vida social dentro de sua própria classe, mesmo porque, os bairros operários são limitados. ESTRADA (1986) sugere que as formas de ocupação do espaço vão sendo afetadas, produzindo uma aparente desorganização do espaço. Tal situação provocará também seu próprio meio de cultura, baseada

principalmente no folclore popular, na herança dos escravos, nas lides religiosas, etc..

Figura 33: Quadro da Evolução da População - Cataguases

Área = 483,60

Ano	Situação	Habitantes
1920	Total	26.086
	Urbana	...
	Rural	...
1930	Total	...
	Urbana	...
	Rural	...
1940	Total	21.893
	Urbana	...
	Rural	...
1950	Total	27.368
	Urbana	13.984
	Rural	13.384
1960	Total	35.270
	Urbana	22.879
	Rural	12.391
1970	Total	43.846
	Urbana	34.099
	Rural	9.747
1980	Total	49.274
	Urbana	42.291
	Rural	6.983
1991	Total	58.138
	Urbana	53.426
	Rural	4.712
1996	Total	61.984
	Urbana	58.154
	Rural	3.830
2000	Total	63.960
	Urbana	60.461
	Rural	3.499

Fonte: Fundação IBGE (Recenseamentos de 1920/40/50/60/70/80/91 e 2000 e Contagem Populacional de 1996)

produzir espaço”, percebe-se que à medida que cresce a economia cataguasense, conseqüentemente a oferta de empregos, cresce também a demanda por novos espaços, é a sua produção. Aí está o que MORAES (1999) chama de “nódulo explicativo”: a relação sociedade / espaço é a relação do valor espaço substantivada pelo trabalho humano, portanto a apropriação, construção, perenização e as modificações no espaço, representam criação de valor dentro do espaço e no arranjo urbano.



Figura 34: Fachada da Casa da Chácara Dona Catarina, recuperada na década de 90
(Foto do Autor)

ROSSINI (1986) corrobora o ensinamento de SANTOS (1979), dizendo que o geógrafo analisa o processo de produção, vez que o ato de produzir é produzir também o espaço. Assim, o processo de produção do espaço, historicamente terá sua produção determinada pela formação econômica daquele espaço, refletindo no sujeito que é o agente do processo.

Sobre este aspecto BARRIOS (1996), sugere que as formações sociais em sua evolução, passam de uma situação de simples ocupação e aproveitamento do espaço, para uma situação de transformação cada vez

mais ampla e profunda desse espaço, compreendendo não a produção de bens materiais, mas a adequação às necessidades individuais e coletivas.



Figura 35: Detalhe de monumento às fiandeiras, de Portinari (Foto do Autor)

A planta urbana cataguasense e suas concepções arquitetônicas explicam o grau de urbanização, a apropriação do espaço e sua conseqüente valorização, incorpora-o não só de valor funcional e produtivo, mas de valor cultural.

SANTOS (apud MORAES 1999) ensina sobre os modos de produção, que criam formas espaciais e duram mais que os processos que as engendraram chamando-as de “rugosidades” e aponta sua inércia dinâmica”, sobre os processos sociais posteriores, considerando as

construções antigas como qualidades do lugar, assim como explicou CORRÊA (2001), denominando de simbolismo e sentimento, ou seja, a existência de valores que levam a permanência de localização e usos da terra que não mais obedecem a uma racionalidade econômica.

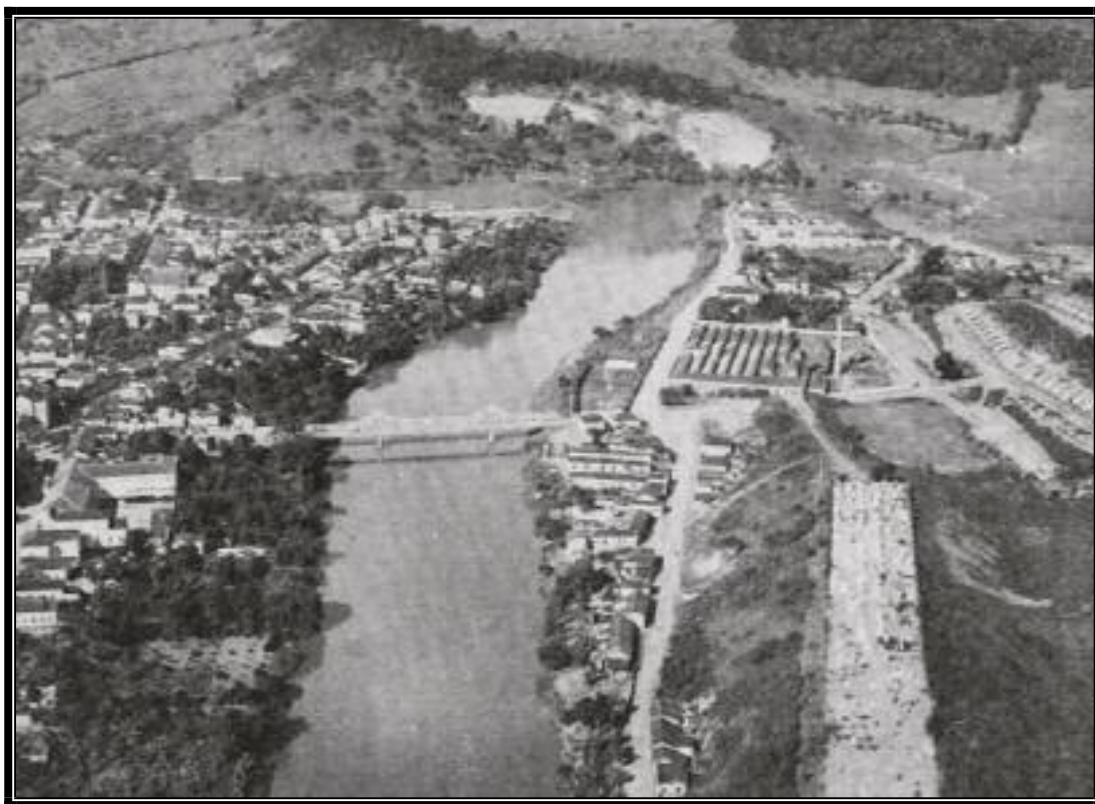


Figura 36: Parcial do início da ocupação da margem sul do Rio Pomba, com o estabelecimento da segunda indústria de tecidos e à extrema direita, o aproveitamento da encosta para construção do bairro operário (Fonte: Memória e Patrimônio Cultural – 1)

Concebido seu primeiro traçado, na década de 20 do século XIX, a arquitetura da década de 40 do século XX, veio incorporar e através do modernismo ditar o rearranjo do espaço urbano de Cataguases. Novas soluções de ocupação do espaço foram adotadas, com ênfase a largas avenidas de penetração, bem como a ocupação das encostas de maneira ordenada utilizando-se das isolinhas. Concomitante muito se construiu; hotel, colégio, praças, igreja, casas de família, mesmo aquelas mais simples adotavam soluções arquitetônicas modernistas.

O viés da industrialização adotado pelos empresários cataguasenses é que naturalmente permitiu que tal movimento pudesse ser levado a cabo.

Note-se que seu principal agente pertencia à família dos grandes industriais da tecelagem, e que utilizaram-se do movimento modernista, segundo depoimento, além de seu aspecto cultural, como investimento, visando um retorno e construindo magnífico acervo.

Mas, a industrialização permitiu também e, principalmente, que Cataguases pudesse alavancar sua economia dando maior impulso ao arranjo urbano. Ela foi fundamental no processo urbano da cidade, pois produzindo mais depressa, permitia que o resultado também fosse mais rápido, mais eficiente, mais moderno.



Figura 37: Ao fundo, detalhe da primeira indústria de tecidos (Foto do Autor)

Ainda que o trabalhador urbano, das indústrias, tivesse seus percalços; trabalhava protegido do sol e da chuva e podia contar com o resultado certo, facilitando inclusive uma vida econômica e social melhor, ao contrário do homem do campo que exposto às intempéries, nem sempre contava com o resultado esperado, tendo em vista inclusive que o solo da região, pela distrofia e sem os recursos atualmente empregados, não se notabilizava por boa produtividade.

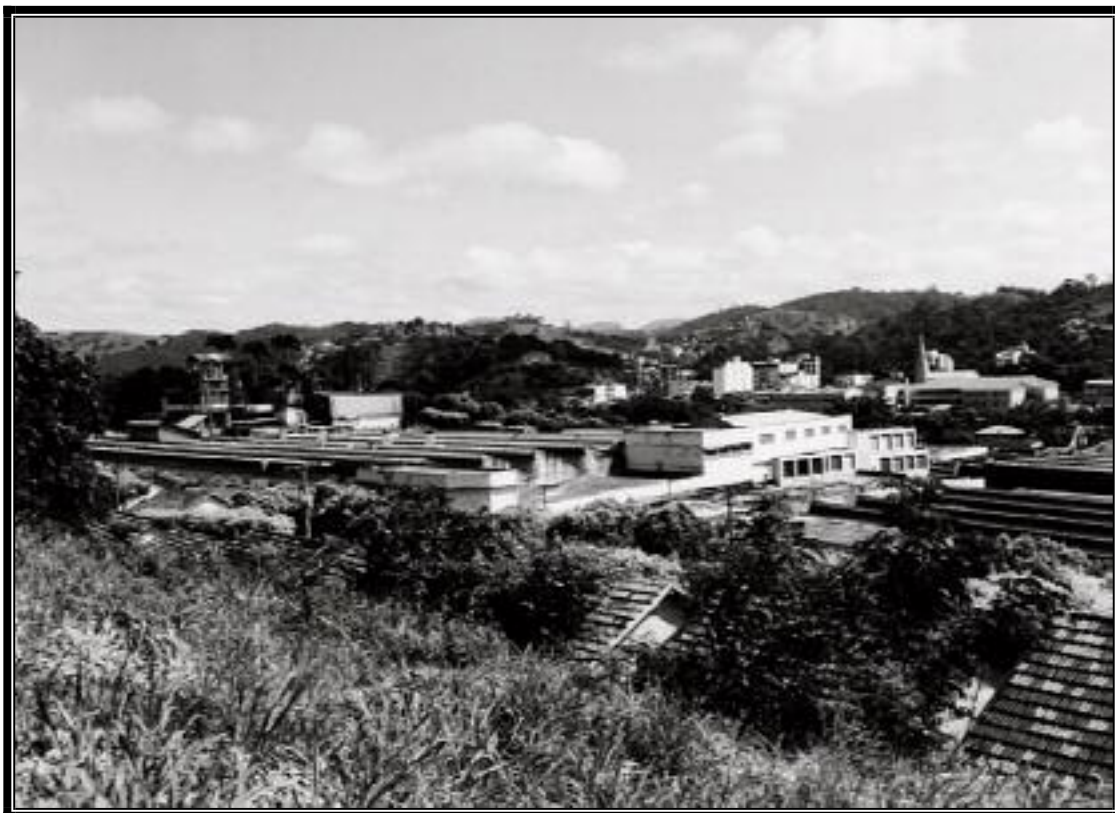


Figura 38: Ao fundo, detalhe da segunda indústria de tecidos (Foto do Autor)



Figura 39: Parcial da Vila Peixoto, primeira vila operária (Foto do Autor)

Por outro lado o cidadão passa a pensar também diferente, mais rápido. Passa a reclamar e a exigir soluções de atendimento citadino, quer ruas calçadas, quer rede de esgoto, quer água canalizada, quer escolas, quer lazer, etc., etc., posturas surgidas da própria industrialização.



Figura 40: Parcial da Vila Peixoto, primeira vila operária (Foto do Autor)

A década de 30 foi marcada pela instalação da Companhia Industrial Cataguases, outra fábrica de tecidos que se estabelecerá na margem sul do Rio Pomba. Há, portanto, todo um deslocamento da ocupação do espaço, urbanizando o outro lado do rio, catalisando assim todo um processo que se empreende na urbanização do local e adjacências.

Partindo do princípio que a instalação daquela nova unidade buscou um espaço fragmentado do centro, todavia, como medida planejada, demandando um espaço que lhe permitisse trabalhar em outra escala, sua articulação com os demais meios urbanos não ficaria prejudicada.

Temos, portanto nova apropriação de espaço e conseqüentemente de nova unidade de produção, repetindo todo o processo espacial, produzindo e incorporando de valor um novo espaço, num período que o

processo social cataguasense busca transformações também na forma de apropriação e construção do espaço. A arquitetura da nova indústria denuncia esse rompimento com o modelo do passado, buscando soluções eficientes que garantam solidez e funcionalidade ao empreendimento. São linhas retas ocupando racionalmente todo o espaço disponível.



Figura 41: Casario categorizado do Bairro Jardim, segundo bairro operário construído junto à Companhia Industrial Cataguases (Foto do Autor)

A industrialização em Cataguases no período em questão fez mais, construiu casas para seus operários. Bairros e vilas operárias surgiram nesse período. Mais uma vez, os depoimentos revelam que, foi idéia de Francisco Peixoto, a construção de casas para os operários. Começando com a

Indústria Irmãos Peixoto, antiga Indústria de Fiação e Tecelagem de Cataguases, a Vila Peixoto instalada nos fundos da indústria foi o primeiro espaço a ser ocupado por uma categoria. Nota-se entretanto a preocupação também em construir casas menos modestas para funcionários mais categorizados, os mestres e contramestres da indústria.

De qualquer forma, categorizando ou não, tal ação foi providencial ao arranjo urbano, pois evitou uma ocupação desorganizada, onde seria mais difícil a prestação dos serviços urbanos, ou, simplesmente ela tardaria a acontecer, a depender do serviço público.



Figura 42: Parcial da primeira indústria de tecidos, com casario categorizado ao fundo (Foto do Autor)

A vila construída, embora com moradias simples, mas de boa qualidade, serviu não só aos operários, mas também a uma articulação do espaço, porquanto mantinha os operários próximos à indústria, o que seria em primeira análise a garantia de tê-lo sempre perto do trabalho e aos olhos dos encarregados. Assim, o espaço urbano das vilas articulava-se diretamente ao espaço das indústrias.

Quando da instalação da Companhia Industrial Cataguases, ocupando o outro lado do rio, inaugura-se o segundo bairro industrial da cidade, concomitante, inaugurando uma nova forma de ocupação, um novo modelo de ocupação. Logo acima do terreno da nova indústria, é construído o novo bairro operário. Ali, acompanhando as curvas de nível são construídas residências diferenciadas para os operários e mestres. Inova-se, portanto, na construção; por ser uma encosta, utiliza-se de técnicas de terraplenagem, contrastando ao modo de ocupação dos terraços aluviais.

O bairro Jardim, que é a denominação do novo bairro operário durante um longo período é chamado pela população de “favela”, obviamente pelo novo modo de ocupação do espaço e por não estar acostumado a habitar em encostas, buscando tal denominação provavelmente em aceção ao modo de ocupação dos morros do Rio de Janeiro, capital federal da época, com a qual Cataguases mantinha estreito vínculo.

Simultaneamente ao arranjo urbano capitaneado pelo modernismo, a instalação desses bairros operários será significativa dentro do processo de ocupação do espaço urbano, o que CORRÊA (2001) definirá como um processo de segregação, caracterizando-o pela forte homogeneidade social interna, ao mesmo tempo de forte disparidade social, caracterizadas em função da renda, status ocupacional, instrução, etnia, migração, etc..

Com sutis diferenças, os depoimentos observam a preocupação dos empresários em suprir a deficiência do Estado, numa época que praticamente não existiam leis que protegesse o operário ou, as que existiam eram deficientes, proporcionando ao operariado cataguasense, guardados os interesses maiores, usufruir de uma moradia disponibilizada pelas principais indústrias.

De pronto estará confirmada a desigualdade com que se faz a ocupação do espaço, repetindo SANTOS (1979) quando comenta que o valor do espaço dependerá de níveis qualitativos e quantitativos. Repete-se, portanto, determinado historicamente o processo de ocupação do espaço, segundo o ponto de vista do sujeito que é o agente do processo.

Capítulo 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos levantamentos realizados, considerando os depoimentos recolhidos e finalmente pela análise do conjunto do material, depreende-se que Cataguases era um município eminentemente rural, como todos os demais da época, dependente única e exclusivamente da produção agrícola para construir e manter sua estrutura cidadina.



Figura 43: Fachada parcial do Colégio N. S. do Carmo, construído em 1913, na Praça Santa Rita (Foto do Autor)

Através do processo social instaurado, Cataguases conseguiu, de forma eficiente, redirecionar seu capital acumulado, iniciando uma passagem para o modo de vida urbano propriamente dito, já no início do século XX. Essa passagem, mesmo que possa ter sofrido algum revés, próprio de qualquer processo, não refluíu, alcançando plenamente seu objetivo e permitindo a Cataguases, tornar-se “sui generis” dentre as demais cidades de seu entorno, uma de suas principais características.

O período em questão, a saber, compreendendo as décadas de 20, 30 e 40 do século XX, foi extremamente fecundo de acontecimentos marcantes sob vários aspectos. Um período entre as duas principais guerras declaradas do século XX, a Semana da Arte Moderna/SP em 1922, o colapso da economia norte-americana em 1929, a Revolução de 1930 e a instauração do Estado Novo no Brasil, a reformulação dos direitos políticos e a consolidação trabalhista brasileira, dentre outros.



Figura 44: Detalhe de painel Fiandeira de Portinari (Foto do Autor)

Cataguases alavancou sua economia com base na lavoura cafeeira, redirecionando seus investimentos para a industrialização, o que a tornou eminentemente urbana, sedimentando esse aspecto na década de trinta, quando investe na implantação de novas e maiores unidades industriais.

Mas, em meio a toda inquietação do período, isso só não tornaria Cataguases diferente, mas sim, o movimento intelectual modernista, conjugado ao evento do cinema de Humberto Mauro, na década de 20, foi fundamental à questão epígrafe; o levantamento e desenvolvimento do trabalho, baseado nos depoimentos coletados, vem nos confirmar tal fato. Mas, se na década de 20 esse movimento cultural foi fundamental, os

depoimentos apontam e confirmam a década de 40 como o coroamento e marco divisor de Cataguases no seu arranjo urbano.

O complexo que se estabelece com arcabouço na economia industrial, aliada a este pano de fundo do movimento cultural modernista foi então essencial para a concepção do arranjo urbano de Cataguases, notabilizando-o pela arquitetura.



Figura 45: Fachada parcial do Colégio Cataguases, obra de Niemeyer, considerado o marco da transformação de Cataguases, com detalhe da escultura “O Pensador” de Jan Zach (Foto do Autor)

Portanto, graças aos investimentos realizados pelos principais agentes do processo, o modernismo instala-se definitivamente na cidade. São engolidos os modelos antigos, os espaços são reocupados, doravante por soluções que contemplem a praticidade do moderno. Se a década de 20 é fundamental, a de 40 é por sua vez decisiva, na conformação do rico

patrimônio que Cataguases construiu, seja ele literário, artístico ou arquitetônico.

Na última década do século XX, Cataguases voltou a experimentar novos rearranjos em seu espaço urbano. Sua malha foi modificada, permitindo novos acessos, espaços e naturalmente novos impactos na economia do município e sua sociedade.



Figura 46: Prédio da antiga casa de máquinas de tratamento de água “Caixa D’Água”, transformada recentemente no centro cultural “Centro de Tradições Mineiras” (Foto do Autor)

Graças à iniciativa de alguns setores privados e, a partir de leis de incentivo fiscal, alguns espaços culturais foram criados e outros recuperados, permitindo neste segmento uma nova política para a cidade. Aquele espaço que era econômico, transformou-se e passou a produzir cultura.

Tais instituições assumem e aparecem como formas robustas, que oferecem a parte da população, a oportunidade de participar e de tornar a florescer sua verve criativa, reacendendo aquele velho poder de inquietação que, aliado às condições econômicas da atualidade, permitem

que a população de maneira geral passe a freqüentar os espaços culturais oferecidos.



Figura 47: Casa da Chácara Dona Catarina, moradia do grande capitalista da época cafeeira e investidor na industrialização, Cel. João Duarte, recentemente transformada em centro cultural e museu (Foto do Autor)



Figura 48: Fachada do complexo cultural do atual museu da hidroeletricidade (Foto do Autor)

Tal processo de valorização, pelo viés que lhe é próprio, demonstra seu reflexo em parcelas cada vez maiores da população, que participam dessa soma de tempos de trabalho, quantitativa ou qualitativamente incorporando-o ao espaço, perenizando-o para sua conseqüente valorização.



Figura 49: Fachada da antiga Indústria Irãos Peixoto, primeira indústria de tecidos da cidade, atualmente o complexo cultural, Instituto Cultural Chica Peixoto (Foto do Autor)

O complexo cultural atual repete de certa forma o processo modernista de engolir o passado, regurgitando-o como nova forma de expressão. Cataguases tem-se primado por reestruturar sua ocupação espacial, transformando espaços, antes econômicos, em atuais centros catalisadores e difusores de cultura.

Talvez o momento escolhido para a realização deste trabalho, tenha sido a ideal, pelo fato de estar acontecendo uma revitalização da cultura, bem como do arranjo urbano da cidade. Penso que se tal levantamento tivesse sido feito na década de 80, o entusiasmo das respostas dos entrevistados, não seria o mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AS MINAS GERAIS – Zona da Mata – Biblioteca Interativa. Belo Horizonte: Tratos Culturais, 1997. (CD-ROM).

BARRIOS, Sônia. A Produção do Espaço, IN: SANTOS e SOUZA. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

BLASENHEIM, Peter. Uma História Regional: A Zona da Mata Mineira (1870-1906). IN: V Seminário de Estudos Mineiros, Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

BROEK, Jam O. M.. Iniciação ao Estudo da Geografia. Tradução de DUTRA, Waltensir, 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

CARDOSO, M. F. T. C.. Aspectos Geográficos da Cidade de Cataguases Separata da Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro: IBGE, nº 4, ano XVII, out/dez de 1959.

CLARK, David. Introdução à Geografia Urbana. 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

DIAS, Fernando Correia. O Movimento Modernista em Minas. Brasília: Ed. UnB, 1971.

ESTRADA, Maria Lúcia. O processo de produção do espaço urbano-industrial: um exercício teórico-metodológico, IN: SANTOS e SOUZA. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

FERRARA, L. D'Alessio. As Cidades Ilegíveis, IN: OLIVEIRA, Livia de & RIO, Vicente Del, São Carlos/SP, EdUFSCar/Stúdio Nobel.

FUNDAÇÃO IBGE. Tipos e Aspectos do Brasil, 10ª edição, Rio de Janeiro, 1975.

KOHLSDORF, M. E.. A Apreensão da Forma da Cidade, Brasília, Editora. UNB, 1996.

LANNA, Ana L. D.. A Transformação do Trabalho. Campinas: Ed. UNICAMP, 1988.

LE GOFF, Jacques. Por Amor às Cidades. São Paulo: Ed.UNESP, 1988.

LIMA, João H.. Café e Indústria em Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – CATAGUASES, Volume 1, Belo

Horizonte: PROED/UFMG, 1988.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – CATAGUASES , Volume 2, Belo Horizonte: PROED/UFMG, 1990.

MENESES, Ulpiano. Os “Usos Culturais” da Cultura”, IN: YÁZIGI, CARLOS e CRUZ. Turismo - Espaço, Paisagem e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORAES, A. C. R. & COSTA, W. M. da. Geografia Crítica - A Valorização do Espaço. 4ª edição, São Paulo: Hucitec, 1999.

MORAES, A. C. R.. Historicidade, consciência e construção do espaço: notas para um debate, IN: SANTOS e SOUZA. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

RESENDE, Enrique. Pequena História Sentimental de Cataguases. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

RIO, Vicente del. Cidade da Mente, Cidade Real, IN: OLIVEIRA, Livia de & RIO, Vicente Del, São Carlos/SP, EdUFSCar/Stúdio Nobel.

ROSSINI, Rosa Ester. A produção do novo espaço rural: pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo, IN: SANTOS e SOUZA. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, Boaventura de S.. Um Discurso Sobre as Ciências. 9ª edição, Porto/Portugal, Edições Afrontamento, 1997.

SANTOS, Milton. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, Milton. A Divisão do Trabalho Social como uma Nova Pista para o Estudo da Organização Espacial e da Urbanização nos Países Subdesenvolvidos, IN: SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Petrópolis/RJ, Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço, São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel.

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. 4ª edição, São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e Método, IN: SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Petrópolis/RJ, Vozes, 1979.

SEABRA, Giovanni de Farias. Fundamentos e Perspectivas da Geografia. 2ª edição, João Pessoa, Edit. Universitária/UFPB, 1999.

SILVA, Armando Corrêa da. O Espaço Fora do Lugar. São Paulo: Hucitec, 1988.

SINGER, Paul. Economia Política da Urbanização. Brasiliense

STEIN, Stanley J.. Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil – 1850/1950. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

VALVERDE, Orlando. Estudo Regional da Zona da Mata, de Minas Gerais. In: Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro: IBGE, nº 1, ano XX, jan/mar de 1958.

ANEXOS

7.1. Mapa Funcional de Cataguases - 1958

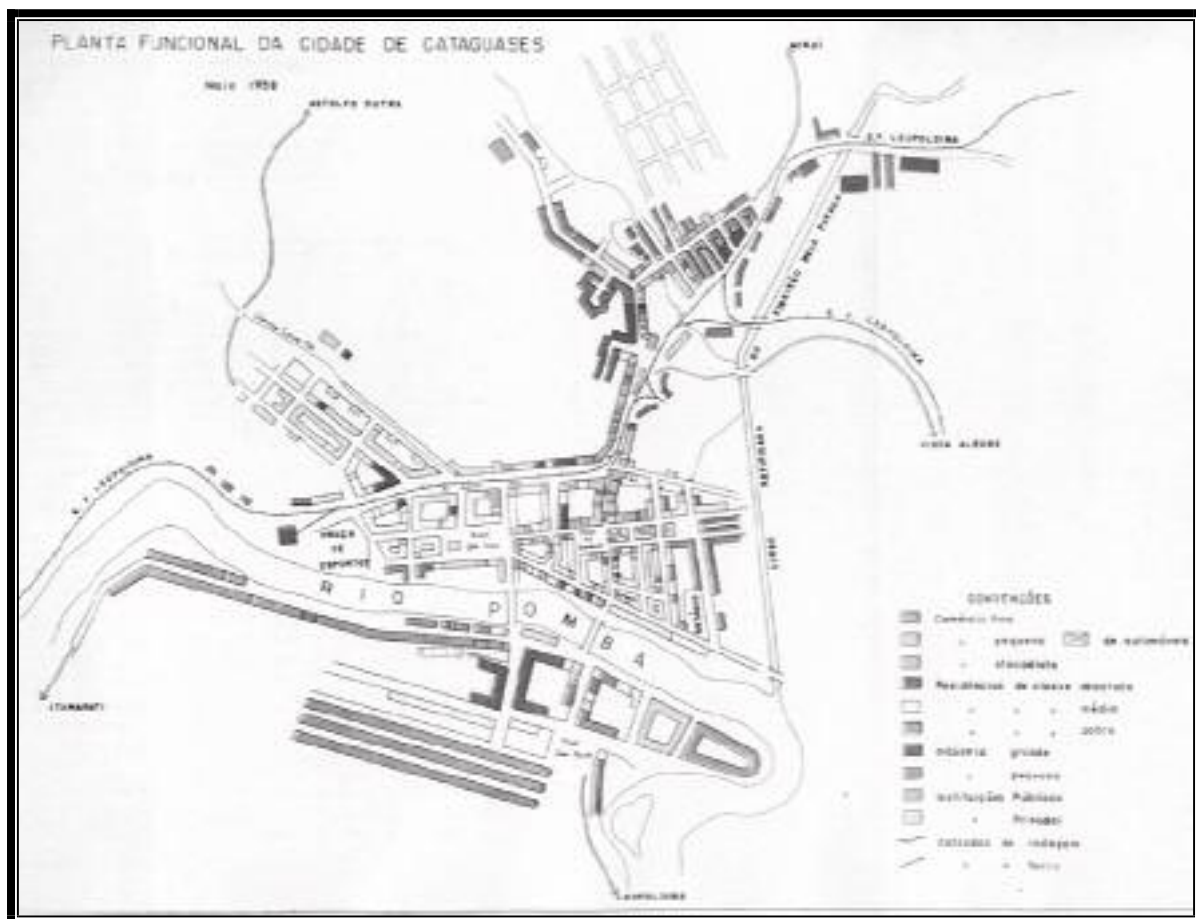


Figura 50: Mapa funcional de Cataguases de 1958 (Fonte: Cardoso, 1959)

7.2. Mapa Histórico de Cataguazes - 1920

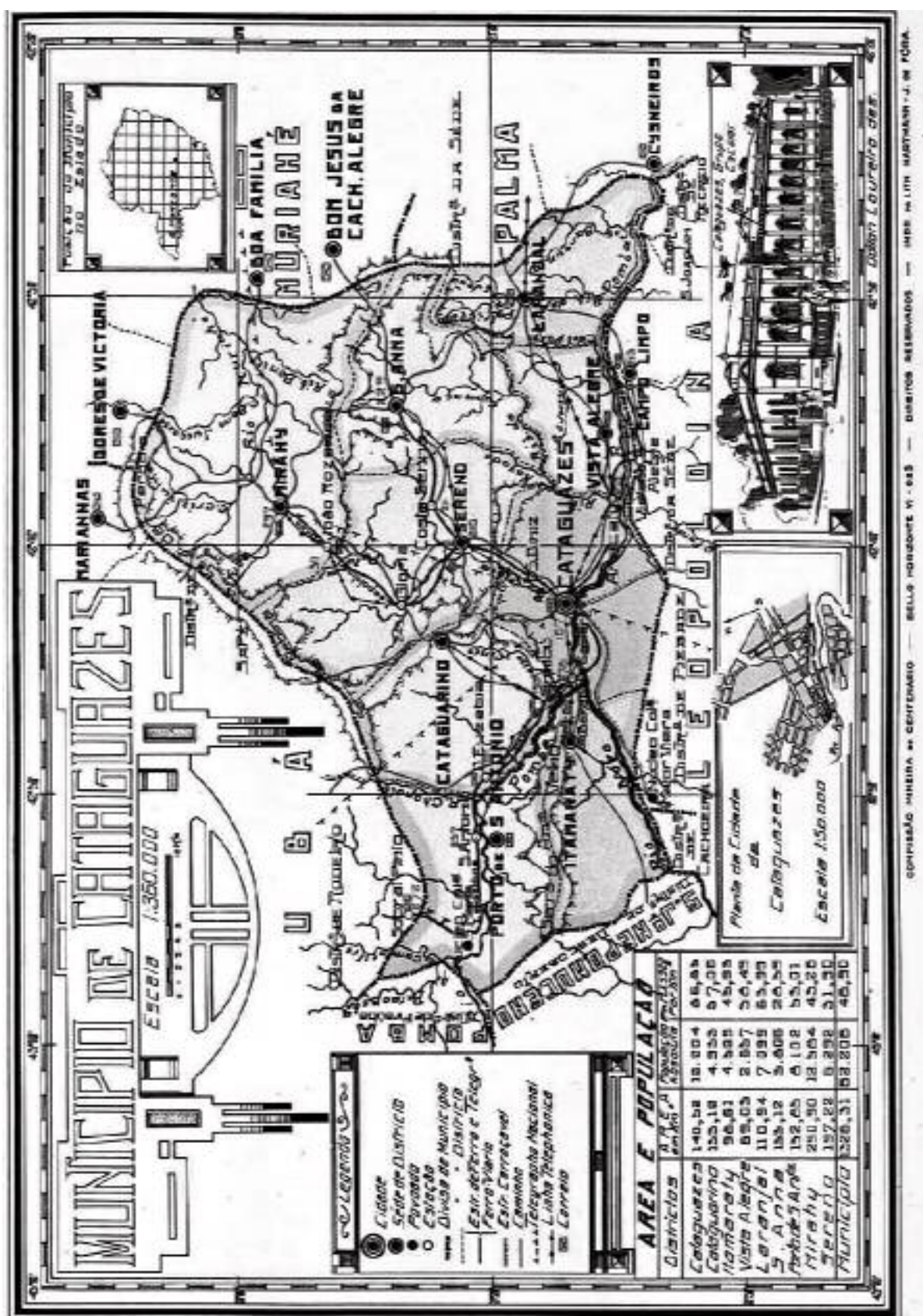


Figura 51: Mapa Histórico de Cataguazes – 1920 (Fonte: CD Zona da Mata)

7.3. Roteiro de Entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS / INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA / GEOGRAFIA APLICADA A
Espaço e Cultura em Cataguases/MG, no período entre as décadas de 20 e 40 do século XX

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

01. Para o(a) senhor(a) qual foi o momento mais importante, economicamente na história de Cataguases?
02. E culturalmente?
03. O(A) senhor(a) entende que existe alguma diferença de Cataguases, para as cidades de seu entorno? Quais? Por quê?
04. Quais?
05. Por quê?
06. Para o(a) senhor(a) quais foram as principais transformações em Cataguases no período entre guerras mundiais do século XX?
07. Essas transformações ocorreram também no arranjo urbano?
08. Quais foram as principais motivações para essas transformações, no arranjo urbano?
09. Continuando, quais foram seus principais agentes? Que instrumentos eles utilizaram?
10. Na hipótese de ter havido transformações, quais foram as repercussões para a cidade e sua sociedade? Positivas ou negativas?
11. Em que âmbito: político, cultural, demográfico, econômico ou social?
12. Para o(a) senhor(a), qual foi o papel do movimento modernista para Cataguases, na sua economia, instituições e sociedade? E no arranjo do espaço urbano?
13. Continuando, e o papel da industrialização naquele período em Cataguases, para o arranjo urbano?
14. Ainda, e o papel da lavoura cafeeira para a economia e conseqüentemente a sociedade cataguasense, no arranjo urbano?
15. O(A) senhor(a) teria ainda alguma fala sobre o período em questão, com relação à ocupação do espaço urbano de Cataguases, com este pano de fundo cultural?